



ESCOLA SUPERIOR
DE **COMUNICAÇÃO SOCIAL**

Instituto Politécnico de Lisboa
Escola Superior de Comunicação Social
Mestrado em Jornalismo

A Reportagem Televisiva no panorama informativo da SIC

Relatório de estágio submetido como requisito parcial para obtenção do
grau de Mestre em Jornalismo

Marta Sofia Magalhães Moreira

Orientada pela Professora Doutora Anabela de Sousa Lopes

Lisboa, outubro de 2017

Declaração anti-plágio

Declaro ser autora deste trabalho, parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, que constitui um trabalho original que nunca foi submetido (no seu todo ou em qualquer das partes) a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou qualquer outra habilitação.

Atesto ainda que todas as citações estão devidamente identificadas. Mais acrescento que tenho consciência de que o plágio poderá levar à anulação do trabalho agora apresentado.

Lisboa, 27 de outubro de 2017

A candidata

Resumo

Este relatório de estágio foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Jornalismo da Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa, para a obtenção do grau de mestre.

Resulta de um estágio curricular de seis meses, realizado entre 20 de fevereiro e 18 de agosto de 2017, na redação da estação televisiva SIC e tem como objeto de estudo a reportagem no panorama informativo do canal.

O objetivo desta investigação é perceber se a realidade da redação da SIC coincide com a perceção de diminuição da produção de reportagens. As metodologias utilizadas para este fim foram a análise documental, a observação participante e a entrevista.

Palavras-Chave: Reportagem; Televisão; Redação; Primeiro Jornal; Agenda; SIC

Abstract

This internship report has been developed as part of a master in Journalism at Higher School of Communication and Media Studies (ESCS), to achieve the master degree.

It is the result of a six month internship, between February 20th and April 19th of 2017, at the news section of the television station SIC, in which reportage as a journalistic genre was the subject of this study.

The purpose of this work is to understand if the reality of the news section of SIC matches the idea of having less reportages in current journalism. The used methodologies for this purpose were documental analysis, participant observation and interview.

Keywords: Reportage; Television; News section; TV News; News Agenda; SIC

Agradecimentos

Agradeço aos meus Pais por tudo. Por sempre me incentivarem a procurar mais e melhor. Por sempre me recordarem que o saber será sempre uma mais-valia e que é o caminho e o futuro. Agradeço por terem sempre acreditado em mim e nas minhas competências, por me fazerem ver que nada é impossível, e que tudo pode ser conquistado, mas sempre com muita humildade e resiliência.

Agradeço à minha avó Maria por toda a educação que me deu, por ser o meu exemplo maior de bondade e respeito, e por me lembrar que vale sempre a pena voltar a casa, porque um dia pode já ser tarde demais. Obrigada minha querida Avó. A ti dedico este grau académico.

Aos meus irmãos, Pedro e Sara, por serem os meus companheiros de sangue e de vida e por me fazerem despertar o espírito de proteção. Agradeço-lhes por toda a minha felicidade.

Ao Paulo, meu amigo, companheiro e namorado, agradeço-lhe estes cinco anos de partilha, confiança e sobretudo amor. Agradeço-lhe por incentivar os meus sonhos e por me deixar voar para onde as minhas ambições me levarem.

À Escola Superior de Comunicação Social por ser uma instituição de sonhos e projetos concretizados.

À Professora Doutora Anabela de Sousa Lopes, orientadora deste meu Relatório de Estágio, agradeço por toda a ajuda, por toda a paciência e motivação, por todo o conhecimento e competência exímia, por todo o trabalho e por toda a disponibilidade que sempre mostrou.

Agradeço também a todos os professores que se cruzaram no meu caminho neste percurso académico, por todas as ensinamentos e aprendizagem que me proporcionaram.

Por fim, agradeço a Deus.

Índice

Declaração anti-plágio.....	2
Resumo.....	3
Abstract.....	4
Agradecimentos.....	5
Introdução.....	8
Capítulo I - SIC: 6 de outubro de 1996	9
I.1 - O Grupo Impresa: o nascimento do maior grupo de comunicação social português.9	
I.2 – SIC: Um novo ritmo na televisão portuguesa.....	11
I.3 – Universo SIC e os seus canais.....	13
I.4 - O futuro da estação televisiva.....	17
Capítulo II - Metodologias de investigação.....	18
II.1 – Análise documental.....	18
II.2 - Observação participante.....	19
II.3 - Entrevista.....	20
Capítulo III - A Reportagem: o género nobre do jornalismo	22
III.1 – O que define a Reportagem?	22
III.2 - Evolução da Reportagem.....	24
III.3 – Reportagem e Notícia.....	25
III.4 – A Grande Reportagem como imagem de marca da informação da SIC	27
III.5 - Reportagem: o género nobre mas menos praticado.....	30

Capítulo IV - Uma redação profissional aos olhos de uma estagiária.....	33
IV.1–Primeiros passos de uma aspirante a jornalista	33
IV.2 – Secções de estágio: Agenda e Primeiro Jornal	34
IV.2.1 – Secções onde estagiei pontualmente: Madrugadas, Fim de Semana e Grande Reportagem.....	38
IV.3 – Rotinas de trabalho: diário de bordo.....	41
IV.4 – Trabalho desenvolvido.....	47
IV.5 – (Falta de) Reportagens desenvolvidas: o ponto de vista dos jornalistas.....	50
IV.6 – Os problemas de uma redação	53
IV.7- O futuro da Reportagem: as novas tecnologias a seu favor	55
Conclusão	58
Bibliografia.....	60
Webgrafia	61
Anexos.....	62
Entrevista 1: José Gomes Ferreira.....	63
Entrevista 2: André Antunes.....	70
Entrevista 3: Ana Luísa Galvão.....	78
Hiperligações.....	81
Índice de figuras	
Fig. 1 - Logótipo do Grupo Impresa.....	9
Fig.2 - Logótipo da SIC.....	11
Fig. 3 – Mapa da cobertura intercanional da SIC.....	17

“O mundo do jornalismo é um microcosmo que tem leis próprias e que é definido pela sua posição no mundo global e pelas atrações e repulsões que sofre da parte dos outros microcosmos”.

(Bourdieu, 1997:55).

Introdução

Tal como em muitas áreas de atividade, o jornalismo teve de se adaptar à evolução das novas tecnologias. A internet veio abrir novos mundos e a informação passou a estar disponível ininterruptamente, sem ser, aliás, exclusiva do campo jornalístico.

O consumo informativo ultrapassou os meios tradicionais e alojou-se, também, em meios de comunicação portáteis e de fácil acesso, como os *tablets* ou os *smartphones* e a rapidez de propagação de uma notícia tornou-se uma constante indeterminável.

Como consequência deste novo paradigma, as redações, nomeadamente as televisivas, sofreram consequências: a necessidade de produzir conteúdos ao minuto; querer dar as notícias em primeira mão pondo em causa a qualidade da informação; migração da publicidade para outros meios o que gera menos receitas e, conseqüentemente, redações com menos jornalistas; necessidade dos profissionais se tornarem mais polivalentes e produzirem conteúdos para todos os meios; a internet passou a ser uma fonte de informação sempre acessível, tornando as redações mais sedentárias.

Como tal, um dos géneros jornalísticos mais afetados foi o mais nobre: a Reportagem. Um género que pela sua natureza requer mais tempo, investigação e sensibilidade, passou a estar quase reduzido às necessidades dos dias que correm.

Será, assim, pertinente levantar uma questão: qual o lugar da reportagem no panorama informativo atual? Para tentar dar um contributo na procura de uma resposta a esta questão, realizei um estágio de seis meses na redação do canal televisivo SIC, do qual resulta este relatório.

O objetivo deste trabalho foi detetar os principais desafios e constrangimentos que a redação da SIC tem na produção da Reportagem. Para tal, são utilizadas três metodologias de investigação diferentes. A análise documental, para fazer a contextualização da componente teórica do tema; a observação participante, que permite

um envolvimento direto com o objeto de estudo; e a entrevista, para entender a perspetiva que os diretores e jornalistas têm da produção de reportagens no canal.

O presente relatório encontra-se dividido em quatro capítulos. No primeiro, é feita uma apresentação e contextualização histórica da entidade acolhedora do estágio, a SIC, fazendo uma alusão ao nascimento do grupo Impresa, à sua presença no mercado, ao universo que constitui a SIC e ao futuro da estação televisiva. O segundo capítulo é dedicado à explanação das metodologias utilizadas ao longo do relatório. No terceiro capítulo é feita a revisão bibliográfica, numa análise do ponto de vista teórico dos principais autores que se debruçaram sobre a temática da Reportagem e das teorias que vão ao encontro do objeto de estudo. O período de estágio e as experiências daí retiradas marcam o quarto capítulo, numa relação direta com o tema da Reportagem.

Tendo em conta a componente teórica e a prática, este relatório põe em perspetiva a visão dos teóricos que abordam a temática da reportagem e a visão dos jornalistas e diretores que estão na redação da SIC, com a minha experiência pessoal e observação no terreno, enquanto estagiária.

Capítulo I - SIC: 6 de outubro de 1996

I.I - O Grupo Impresa: o nascimento do maior grupo de comunicação social português



“Do que fiz na vida, colocaria como fio condutor e como objetivo cimeiro, exercido e conseguido de diversas maneiras, consoante as épocas e responsabilidades, a luta pela liberdade de expressão em geral e, em especial, pelo direito a informar e ser informado.”

Francisco Pinto Balsemão,

Presidente do Conselho de Administração do Grupo Impresa

Esta é a frase proferida por Francisco Pinto Balsemão, que figura nas paredes da redação da estação televisiva SIC, em Carnaxide, e que foi expressa aquando do seu discurso de agradecimento na atribuição do doutoramento *honoris causa* pela Universidade Nova de Lisboa.

E foi pelas mãos de Francisco Pinto Balsemão que, em 1972, o Grupo Impresa deu os seus primeiros passos na criação daquele a que viria a ser o maior grupo de comunicação social português.¹

Numa época em que se viviam tempos de censura, Balsemão apostou na criação do semanário *Expresso*, jornal esse que desde início de 2017 é o mais vendido ²em Portugal.

Em outubro de 1992, o grupo Impresa arranca com as emissões do 1º canal de televisão privada em Portugal: a SIC, Sociedade Independente de Televisão, S.A. Ao fim de três anos de emissão, em 1995, a SIC torna-se líder de audiências.

Muitos dos jornalistas que integraram a fundação da redação da SIC vieram da RTP. Ana Luísa Galvão é uma dessas profissionais, que em entrevista, confidenciou-me as diferenças entre os dois canais:

“A RTP era (e é) uma empresa com valor e bons profissionais, mas (na altura) era também uma “máquina pesada”, burocrática e difícil de pôr em marcha. Na SIC, o desafio era fazer tudo de novo e fazer melhor. O edifício estava a ser construído de raiz e o conceito do espaço e da organização foi pensado num sentido de agilizar todo o processo de produção de notícias, desde a simples saída em reportagem até à emissão propriamente dita.”

Uma televisão que veio revolucionar o panorama informativo da época em Portugal, que levou muitos jornalistas a trocar o canal público pelo primeiro privado.

Atualmente, o grupo Impresa atua em três áreas de negócio — edição impressa, digital e televisão.

¹ “No final de 2008, o Grupo IMPRESA é o maior grupo de comunicação social em Portugal com um volume de negócios que rondou os 273 milhões de euros.” Informação consultada a partir do *site* do Grupo IMPRESA: <http://binaries.cdn.impresa.pt/dealer/2097387/Historial+SIC+20143159739297477624869.pdf>, consultado a 05 de setembro de 2017.

² Notícia dada pela SIC acerca das vendas do jornal *expresso*: <http://sicnoticias.sapo.pt/economia/2017-04-27-Jornal-Expresso-e-lider-de-vendas-em-Portugal>, consultado a 2 de outubro de 2017.

Para além da SIC e do Jornal Expresso, o grupo detem ainda outras publicações: Activa, Blitz, Caras, Caras decoração, Courier Internacional, Exame, Exame informática, JL, Tele novelas, Tvmais, Visão, Visão júnior e Visão História.



Fig. 2 – Logótipo da SIC³

I.2 – SIC: Um novo ritmo na televisão portuguesa

O monopólio televisivo pertencia à RTP - Rádio Televisão Portuguesa - desde 1957, mas o dia 6 de outubro de 1992 ficaria marcado como o início do fim dessa era, com o nascimento da SIC - Sociedade Independente de Comunicação. O panorama audiovisual português nunca mais viria a ser o mesmo.

Pelas mãos de Francisco Pinto Balsemão, com sede em Carnaxide, nasceu o primeiro canal de televisão independente, seguido um ano mais tarde pela TVI – Televisão Independente.

José Gomes Ferreira, atual diretor-adjunto de informação da SIC, recordou os momentos da fundação do canal, numa entrevista que tive a oportunidade de lhe fazer:

“Francisco Pinto Balsemão quis aproveitar a operação de liberalização da televisão, decidida pelo governo de Cavaco Silva, e arranjou um conjunto de financiadores que apoiaram e acreditaram neste projeto, e conseguiu o capital necessário para lançar a SIC. O nome escolhido: SIC- Sociedade Independente para a comunicação - foi escolhido para isso mesmo, mostrar que seria a primeira independente, por oposição à do Estado, a RTP. É factual que quem entrou para cá vinha com um espírito diferente, tinha experiências diferentes. Embora tenha havido um “mixing” entre pessoas vindas da RTP e de outras redações, como é o meu caso, todos queríamos fazer diferente, mais e melhor, de forma mais aguerrida e mesmo aprender a fazer televisão.”

³ Novo logótipo da SIC, representativo dos 25 anos do canal, celebrados este ano, 2017.

Elevadas audiências rapidamente atingidas sustentaram o sucesso da SIC. “Em termos de audiência, a progressão da SIC foi notável. A estação atingia a liderança do mercado em escassos três anos após o seu arranque, com 41,4% de share” (Santos, 2010: 92).

O segredo estava na programação: “grelha diversificada em informação, reportagem, documentário, infantis, juvenis, séries, comédias, cinema e entretenimento popular do canal privado” (Lopes 1995 apud Santos 2010).

Mas nem só da grelha se fez o sucesso. Este resulta também duma aposta em profissionais jovens e qualificados, muitos vindos da concorrente RTP, como Ana Luísa Galvão, atual coordenadora da Agenda da SIC que, em entrevista, falou-me da aventura que foi trocar o canal público pelo primeiro privado em Portugal:

“Vim trabalhar para a SIC a 1 de Junho de 1992 com cerca de 5 anos de experiência na RTP. Juntamente com outros profissionais com experiência nos jornais e na rádio, tínhamos a ambição e a oportunidade de mudar o jornalismo televisivo em Portugal e, de certa forma, nesta área, fazer história. Na SIC, o desafio era fazer tudo de novo e fazer melhor. O edifício estava a ser construído de raiz e o conceito do espaço e da organização foi pensado num sentido de agilizar todo o processo de produção de notícias, desde a simples saída em reportagem até à emissão propriamente dita.”

Adelino Gomes (2012) caracterizou o perfil da SIC como o canal “mais escolarizado (maior percentagem de indivíduos com 10 a 12 e com mais de 12 anos de escolaridade), o mais jovem e o mais equilibrado na relação homem/mulher.”

Rapidamente a SIC tornou-se “na estação da classe média, dos quadros, de uma certa elite intelectual e, pode dizer-se, do poder democrático”, o que resultou numa grande aposta publicitária das grandes marcas, fonte de receitas do canal (Gomes, 2012: 84).

Outra das grandes apostas do canal privado foi no tempo conferido à informação. Dispensava o dobro do tempo que os restantes canais nacionais, numa inversão da tendência dominante na Europa (Traquina, 1997: 65).

Ana Luísa Galvão lembrou os tempos iniciais na SIC e a empatia que a estação criou com o público. Em conversa, recordou o facto de as pessoas ligarem primeiramente para a SIC em vez de ligarem para as autoridades, em caso de assalto, acidente ou catástrofe. Segundo a jornalista, havia uma forte confiança no canal porque, de facto, eles “iam a todo o lado”.

Rigor e atualidade eram algumas das características que regiam o noticiário da SIC e como consequência, “os prémios começaram a ser uma rotina dentro da estação.” (Santos, 2010: 94).

Para além da informação, a imagem de marca da SIC era o entretenimento, com programas que marcaram a memória do grande público, assim como séries e telenovelas brasileiras, que surgiram numa parceria com o canal brasileiro Globo.

Com a viragem do século, a SIC entrou num novo ciclo, com novos projetos e parcerias, através da criação de canais temáticos, com a criação de um canal por cabo exclusivamente dedicado às notícias “SIC Notícias” e com a entrada na Internet.

De acordo com Rogério Santos (2010), a história da SIC pode dividir-se em quatro períodos:

- 1) 1992 -1994 – afirmação do projeto;
- 2) 1995 - 1998 – liderança no mercado;
- 3) 1999 – 2001 – novos projetos e parceiras;
- 4) 2002 – retoma.

I.3 – UNIVERSO SIC E OS SEUS CANAIS

Prestes a comemorar 25 anos de existência, a SIC é a televisão generalista que mais canais agrega: seis canais temáticos, sendo eles a SIC Notícias, SIC Radical, SIC Mulher, SIC K, SIC Caras e SIC Internacional. Todos transmitidos em HD desde o ano de 2016.

SIC Notícias

A SIC Notícias anteriormente CNL (Canal de Notícias de Lisboa), é um canal temático de informação da estação de televisão portuguesa SIC, fundada a 8 de janeiro de 2001. O canal é dedicado ao panorama informativo mas apresenta uma programação diversificada desde economia, internacional, desporto, tecnologia, moda, música e viagens. Estas secções são apresentadas aos telespectadores através de vários formatos,

desde os blocos noticiosos, passando por programas temáticos, onde a palavra é também dada ao espectador, e edições especiais.

A esta programação junta-se a grelha especial de fim de semana com noticiário de média e longa duração adequada ao ritmo de sábado e domingo.

A SIC Notícias é um canal da televisão por cabo, com uma programação totalmente constituída por programas de informação, sendo o canal temático com maior audiência no cabo e o 4.º mais visto do país.

Este canal esteve e está presente em vários países como Angola e Moçambique, nos Estados Unidos, em Cabo Verde e Suíça. Mais recentemente em março, chegou também ao Canadá, Austrália e França, e o próximo mercado para a SIC Notícias é o Brasil.

A SIC Notícias dispõe ainda de um site atualizado diariamente em *sicnoticias.pt*.

SIC Radical

A primeira emissão da SIC Radical foi para o ar a 23 de abril de 2001, tendo como target principal jovens adultos e adolescentes. De acordo com um documento online disponibilizado pelo grupo impresa, ⁴“a SIC Radical tem sido o canal de não notícias preferido dos homens jovens portugueses (15-34 anos)”.

A programação da SIC Radical tem-se modificado ao longos dos anos, mas centra-se, sobretudo, em “séries de ficção científica, anime, sitcoms, britcoms, música, talk-shows, programas eróticos e programas amadores”⁵, conforme indica o mesmo documento.

Uma das imagens de marca do canal é o programa *Curto-Circuito*, assim como o apoio aos Festivais de verão, com transmissões em direto dos mesmos.

⁴ Documento online disponível através do link:

<http://binaries.cdn.impresa.pt/dealer/2097387/Historial+SIC+20143159739297477624869.pdf>

Consultado a 02/10/2017

⁵ Documento online disponível através do link:

<http://binaries.cdn.impresa.pt/dealer/2097387/Historial+SIC+20143159739297477624869.pdf>

Consultado a 02/10/2017

SIC Mulher

Lançado no dia Internacional da Mulher, no ano de 2003, este canal *SIC Mulher*, é dedicado, especialmente, ao público feminino, sem nunca perder a ambição de abranger ambos os sexos.

A grelha deste canal baseia-se em ficção nacional e estrangeira, magazines, talkshows, reality shows, séries, filmes que abrangem temas vocacionados para um público maioritariamente feminino, da qual se destacam o *Querido Mudei a Casa* e o *Mais Mulher*.

Trata-se do primeiro e único canal, manifestamente dedicado ao público feminino. “É um canal de informação e entretenimento para e sobre mulheres.”⁶

Desde 2010, a SIC Mulher está também presente em Angola e Moçambique e desde 2011 em Cabo Verde, contando, atualmente, com 1,2 milhões de telespectadores em África.

SIC K

Se, por um lado, a SIC Radical é dedicada a um público jovem, houve a necessidade de criar um canal que visasse o público infantil. Surgiu assim a SIC K, a 18 de dezembro de 2009, na plataforma MEO (da Portugal Telecom), resultado de um acordo feito entre as duas empresas.

Os conteúdos deste canal destacam-se por serem todos na nossa língua materna, sendo dobrados para Português quando são provenientes de outro país. A SIC K vive também de produções originais e exclusivas.

Com uma programação cheia de aventuras, desenhos animados e não só, a SIC K tem como foco as crianças com idades compreendidas entre os sete e os catorze anos.

O canal passou a ser distribuído internacionalmente em 2010. Hoje é visto por 4 milhões de telespectadores em Angola e em Moçambique.

⁶ Documento online disponível através do link:

<http://binaries.cdn.impresa.pt/dealer/2097387/Historial+SIC+20143159739297477624869.pdf>

Consultado a 02/10/2017

SIC Caras

A ***SIC Caras*** nasceu a 6 de dezembro de 2013 e é um canal de televisão que resultou de uma parceria entre a SIC e a revista Caras, ambos pertencentes ao Grupo Impresa.

Este é o 5º canal temático do universo SIC e tem uma programação focada, maioritariamente, no entretenimento, universo de celebridades nacionais e internacionais com talk-shows, programas de informação, reportagens de grandes eventos, etc.

O perfil de audiência do canal é maioritariamente feminino, com primazia para a faixa etária jovem (dos 15-24 anos) mas também a partir dos 45 anos.

SIC Internacional

Com as suas emissões iniciadas a 17 de setembro de 1997, e com o objectivo de chegar à vasta Comunidade Portuguesa espalhada um pouco por todo o mundo, assim como aos Países de Língua Oficial Portuguesa, nasceu a SIC Internacional.

Atualmente, o canal é visto em França, Suíça, Luxemburgo, Bélgica, Andorra, Estados Unidos da América, Canadá, Angola, Moçambique, África do Sul, Brasil e Austrália. Num total de 6 milhões de telespectadores.

“Esta posição global confere à SIC Internacional um lugar de destaque na difusão de conteúdos em língua portuguesa.”

A SIC Internacional trata de levar Portugal pelo Mundo, mas sem nunca deixar de produzir conteúdos próprios e originais, adequados às realidades de quem assiste o canal.

Da grelha de programação fazem parte a informação, o desporto, o entretenimento e a ficção do universo SIC.



Fig. 3 – Mapa de países abrangidos pela cobertura da SIC

I.4 - O futuro da estação televisiva

O início de 2017 ficou marcado por uma vaga de rescisões no grupo Impresa e vários jornalistas foram dispensados. Aquando dessa fase, eu encontrava-me na redação enquanto estagiária e pude vivenciar o momento em que o diretor de informação do canal, Ricardo Costa, falou em plenário aos seus trabalhadores. Uma das ideias mais vezes proferidas foi a de que o canal precisava de um novo rumo, de enveredar fortemente no mundo online, porque esse “é o futuro”. É esse o rumo que a informação da Sic pretende seguir.

Muitas plataformas têm sido desenvolvidas para potenciar o meio online, para atrair públicos que se afastaram da televisão, maioritariamente jovens. Esta é uma assumida prioridade do canal.

O *Prime*, o *Smack* e até a conta na rede social *snapchat* são disso exemplo. Plataformas online, onde é dada primazia à vertente informativa conjugada com a interação do Público.

A componente multimédia é um dos pilares deste investimento. Informação que seja dada de uma forma rápida e que seja visualmente atrativa.

Começando pelo Prime, este tem como slogan “O Mundo em 2 minutos” e, como o próprio slogan indica, ao longo de um curto período de tempo uma jornalista faz um resumo das notícias que marcaram o dia, acompanhado das respetivas peças informativas sobre o tema. No prime também se fazem entrevistas e transmissões em direto, difundidas no facebook da SIC Notícias.

Já o Smack foca-se, essencialmente, na geração *Millenials*, tratando-se de uma publicação digital “que se apoia na cultura do remixing de conteúdos para contar as suas histórias⁷”, conforme os próprios admitem na sua página do Facebook. Vídeos curtos, com forte impacto ao nível da imagem são as características predominantes deste recente projeto.

Outra das plataformas online que mais tem crescido é a página da SIC Notícias na rede social facebook, tendo mais de 1 milhão e meio de seguidores, distanciando-se amplamente das páginas de facebook da concorrência direta como a TVI 24 e RTP, com cerca de 770 mil e 420 mil seguidores respetivamente.

As redes sociais tornaram-se um trunfo para os canais de televisão, que viram aqui um meio de potenciar a publicidade e gerar verbas, ao mesmo tempo que chegavam a outros públicos, numa fuga à crise dos meios tradicionais:

“ as marcas globais precisam de demonstrar que estão vivas e modernas. Especialmente aos mais jovens, o seu principal público-alvo. Uma das principais vantagens obtidas pelas empresas deste tipo de ações, consiste em ficar a saber o que os consumidores pensam das marcas e a possibilidade de fazer publicidade sem que pareça publicidade” (Adelino Gomes, 2012).

Capítulo II – Metodologias de investigação

II.1 – Análise documental

Delineado o tema a abordar no meu relatório de estágio - a Reportagem – foi necessário traçar os métodos de investigação que iriam reger o trabalho.

Segundo os autores João Ferreira de Almeida e José Madureira Pinto (1995:85), “as técnicas de investigação são conjuntos de procedimentos bem definidos e

⁷ Link do site: <http://smack.pt/> (consultado a 17/10/2017)

transmissíveis, destinados a produzir certos resultados na recolha e tratamento da informação requerida pela atividade de pesquisa”.

Daí surgiu a necessidade de ter uma base teórica e documental para dar forma e bases à minha investigação, o que me fez recorrer ao método de análise documental.

“As operações de leitura visam essencialmente assegurar a qualidade da problematização, ao passo que as entrevistas e os métodos complementares ajudam especialmente o investigador a ter um contacto com a realidade vivida pelos atores sociais” (Quivy e Campenhoudt, 1992: 47).

É fundamental “selecionar um pequeno número de leituras e de se organizar para delas retirar o máximo proveito” (Quivy e Campenhoudt, 1992: 49).

É impossível ler tudo sobre determinado assunto até porque, “em certa medida, as obras e os artigos de referência repetem-se mutuamente”. (Quivy e Campenhoudt, 1992: 50).

Recorrer a bibliotecas e catálogos online é uma das formas de aceder a obras pertinentes, assim como recorrer a dissertações e teses que acabam por proporcionar boas revisões acerca da temática. (Moura et al., 1998: 27).

Assim, optei por abordar alguns dos estudos que considero mais relevantes acerca da Reportagem, livros e artigos científicos, que melhor respondiam às minhas questões acerca do que é e quais os desafios que a Reportagem enfrenta. O processo seguinte foi o de “segmentar estes textos para dar conta de certas analogias e diferenças observadas, nuns e noutros”, e construir uma base teórica e documental (Nattiez, 1996: 138).

II.2 – Observação participante

“A característica diferencial da observação participante, em relação às outras técnicas, consiste na inserção do observador no grupo observado, o que permite uma análise global e intensiva do objeto de estudo” (Almeida e Pinto, 1995:105).

Tendo eu passado seis meses na redação de informação da SIC, em contacto direto com toda a dimensão que envolve uma redação, era lógico e pertinente a escolha da observação participante como um dos métodos a usar nesta investigação. Os dados observáveis foram sempre uma constante durante o período de estágio.

“A observação é, portanto, uma etapa intermédia entre a construção dos conceitos e das hipóteses, por um lado, e o exame dos dados utilizados para as testar, por outro” (Quivy e Campenhoudt, 1992: 157).

Como o próprio nome indica - observação participante – implica o ver e o fazer, e foi isso que tive a oportunidade de vivenciar aquando do meu período de estágio. Seis meses onde contactei diretamente com os agentes jornalísticos, nas mais diversas tarefas e cargos, e pude verificar as suas maneiras de trabalhar, as dificuldades que enfrentam e a forma como a reportagem é trabalhada naquela redação.

Por outro lado, fiz parte deste grupo de jornalistas como membro ativo, onde pude ir para o terreno e produzir o material acerca do qual me foco nesta investigação, e tirar as minhas próprias conclusões.

“A vantagem de ser um observador participante reside na oportunidade de estar disponível para recolher dados ricos e pormenorizados, baseados na observação de contextos naturais. Além disso, o observador pode obter relatos de situações na própria linguagem dos participantes, o que lhe dá acesso aos conceitos que são usados na vida de todos os dias” (Burgess, 1997: 86).

Através do método de observação participante tornei-me, simultaneamente, investigadora e instrumento de investigação, sujeito e objeto.

II.3 – Entrevista

Dada a minha colocação privilegiada dentro da redação de informação da SIC, foi-me possível chegar à fala com alguns dos profissionais com maior intervenção direta no panorama informativo do canal. Daí implementar a entrevista como metodologia de investigação a usar.

A entrevista surge assim “essencialmente como uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspetivas, ou pontos de vista sobre os factos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista” (Farr, 1982 apud Gaskell, 2007: 65).

O uso da entrevista afasta-nos de um panorama mais impessoal e algo científico e deixa-nos interagir, absorvendo para além da informação pretendida, emoções, o que confere à entrevista um grau de subjetividade e garante que nenhuma entrevista seja igual à outra. “Ao utilizarmos a entrevista, encontramos-nos longe de uma imagem da ciência que emprega procedimentos claramente formalizados e identidicáveis” (Ruquoy, 1997: 85).

Nas ciências sociais, há várias tipologias de entrevistas que se podem aplicar, de acordo com o objetivo a alcançar através das mesmas. Nesta caso, a entrevista semidiretiva foi a opção adotada, por não ser “inteiramente aberta, nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas.” (Quivy e Campenhoudt, 1992: 194).

Com esta variante, o entrevistador dispõe de questões base mas com margem para alguma abertura e improviso, focando-se nas respostas do entrevistado e, assim, ir guiando a entrevista sem uma ordem necessariamente pré-definida.

Há assim um contacto direto entre entrevistador e entrevistado.

“Instaura-se assim, em princípio, uma verdadeira troca, durante a qual o interlocutor do investigador exprime as suas percepções de um acontecimento ou situação, as suas interpretações ou as suas experiências, ao passo que, através das suas perguntas abertas e das suas reações, o investigador facilita essa expressão, evita que ela se afaste dos objectivos da investigação e permite que o seu interlocutor aceda a um grau máximo de autenticidade e de profundidade” (Quivy e Campenhoudt, 1992: 193).

Este método é fundamental para obter a percepção e opinião de quem realmente está no terreno e toma decisões, no que à realização de reportagens diz respeito, assim como o seu percurso dentro do canal televisivo que é a SIC.

Neste sentido, seria fulcral entrevistar os coordenadores das secções por onde passei durante o meu estágio: a coordenadora da Agenda, Ana Luísa Galvão, e o coordenador do Primeiro Jornal, André Antunes.

De acordo com Adelino Gomes (2012: 68):

“o coordenador permitir-me-ia ver, numa dimensão mais alargada, a função de gatekeeping televisivo, bem como observar eventuais pressões (vindas do exterior, mas também do corpo profissional – editores e mesmo redactores e repórteres), no sentido de influenciar a seleção das respetivas peças para o telejornal e o lugar que ocuparão no alinhamento”.

Mas para a minha investigação ir mais fundo, fazia falta uma entrevista à direção informativa do canal e consegui chegar à fala com José Gomes Ferreira, subdiretor de informação da SIC.

Capítulo III - A Reportagem: o género nobre do jornalismo

III.1 – O que define a Reportagem?

“Existe un género periodístico que contiene en su texto - o puede contener -, todos y cada uno de los demás géneros. Es informativo, pero también de opinión. Puede tratar de la actualidad, aunque también permite la inclusión de algún texto de creación. Muchos autores lo consideran un híbrido entre los escritos informativos y los interpretativos, pero realmente se trata de la fusión de todos los géneros periodísticos. Es el Reportaje.”⁸ (Rafael Yanes Mesa, 2004:195).

Considerada o género nobre do Jornalismo, por toda a amplitude de elementos que é capaz de agregar, a Reportagem relata histórias através de testemunhos diretos dos factos, podendo fazer-se valer de fontes secundárias, numa perspectiva noticiosa e atual.

Mas a definição de reportagem está longe de ser algo consensual entre os vários autores que se debruçam sobre a temática do jornalismo.

Gabriel Pérez, no livro “Curso básico de periodismo audiovisual” afirma mesmo que na Reportagem cabem muitas possibilidades e que acaba por existir uma banalização do termo, quando não se sabe como categorizar uma determinada peça jornalística. Pérez acrescenta ainda que não existe uma regra fixa para construir reportagens.

A Reportagem não tem uma estrutura fixa e delineada mas tem certos elementos que a distingue dos restantes géneros, conforme enumera Gabriel Pérez:

“Como elemento diferenciador (se trate del medio de que se trate) aparece en primer lugar el de la extensión: el reportaje es un género notablemente más amplio que los demás. También se encuentra más despegado en el tiempo que el acontecimiento que lo provoca y, por esta razón, también proporciona a quien lo lleva a cabo una cierta perspectiva. Por lo que se refiere a su estructura el reportaje se presenta, aparentemente como algo confuso, capaz de integrar en su seno cualquier posibilidad narrativa: puede arrancar, por ejemplo, con el lead de una noticia, para dar paso a una entrevista o declaraciones acotadas, un comentario de opinión, una cita o una enumeración cronológica.” (Pérez, G. 2003: 124).

⁸ Tradução livre da autora: “ Existe um género jornalístico que contém no seu texto – ou pode conter -, todos e cada um dos demais géneros. É informativo, mas também de opinião. Pode abordar a atualidade, embora também permita a inclusão de algum texto criativo. Muitos autores consideram que é híbrido entre textos informativos e interpretativos, mas é realmente a fusão de todos os géneros jornalísticos. É a reportagem.”

A reportagem aprofunda os meandros da notícia, apurando causas e consequências, o que nos leva ao jornalismo de investigação. Mas nem toda a reportagem é investigativa.

Outro autor espanhol, Rafael Yanes Mesa, na obra “Géneros periodísticos y géneros anexos” refere ainda que a Reportagem é um texto informativo mas subjetivo, que em muito depende da interpretação de quem faz a reportagem.

Yanes Mesa acaba por retratar a Reportagem como um texto de autor:

“es un género fruto de una investigación profunda mediante la cual el periodista describe, explica, informa, relata, analiza, compara e interpreta, y además lo hace con una libertad de uso de recursos lingüísticos que lo convierten en un texto de autor” (Mesa, R. Y. 2004:197).

Outra forma de diferenciar a reportagem de qualquer outra produção noticiosa é através dos “valores notícia” que a regem: a notícia é imediatista, a reportagem preocupa-se em ser atual e mais abrangente, conforme explicam Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari.

“Fator determinante para a circulação de uma notícia é o tempo: o facto deve ser recente e o anúncio do facto, imediato. Este é um dos principais elementos de distinção entre a notícia e outras modalidades de informações. Aqui, talvez, um aspecto importante ao diferenciar notícia de reportagem: a questão da atualidade. Embora a reportagem não prescindia de atualidade, esta não terá o mesmo carácter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que o seu teor seja eminentemente informativo. (Sodré e Ferrari, 1986:18).

Toda esta diversidade faz da Reportagem um género de difícil definição.

Para além da multiplicidade de formas de realizar uma reportagem, existem ainda diferentes tipologias de Reportagem: Grande Reportagem, Reportagem especial, Reportagem documental.

A Reportagem é assim, um testemunho que explica através de palavras, imagens e sons, consoante o meio usado, algum acontecimento de interesse público. “À Reportagem pode-se pedir tudo, que reporte, que analise, narre, conte, descreva apenas, mas o que faz parte do seu núcleo fundamental é a ativação de efeitos de saída (outputs) de forma a oferecer a ex-periência” (Godinho 2004:651).

Godinho acrescenta ainda que a Reportagem daria um bom “instrumento de metafísica, porque basicamente o que faz é isolar determinados fenómenos e acontecimentos colocando-lhes a questão: “O que são?”

A Reportagem questiona e vai ao fundo, atrás dessa resposta.

Mas nem tudo tem a pertinência de ser questionado pelo reportagem. Apenas os acontecimentos que se enquadram neste género. Jacinto Godinho (2004) afirma que o que se torna numa reportagem são “coisas que acontecem num tempo particular e que, por serem fenómenos, ou seja, por terem a particularidade de aparecerem, de conseguirem evidenciar-se no seu aparecer, ganham a curiosidade de serem perguntados”.

III.2 - Evolução da Reportagem

Quem, o Quê, Quando, Como e Onde.

São estas as cinco regras da Reportagem (e do Jornalismo), as cinco perguntas que têm de ter resposta, e que qualquer aspirante a jornalista aprende nas escolas, como sendo, regra geral, a base de toda a notícia.

Estes princípios remontam aos primórdios da Reportagem, que, segundo Jacinto Godinho, na sua obra “As origens da Reportagem”, está dividida em três vagas: a primeira data do século XIX com o aparecimento do termo *repórter*; a segunda remonta ao século XX com as guerras mundiais, num cruzamento entre a “literatura e o jornalismo”; e a terceira vaga tem como foco a reportagem televisiva.

Todas estas fases marcaram a evolução da reportagem, no entanto, convém fazer uma breve explanação do sentido etimológico da palavra *Reportar*. Esta deriva diretamente do Latim *Reportare* (Re-portare) e *Raportare* (Re-ad-portare):

“as duas palavras do latim indicam já um um destino ambíguo que marcará futuramente o destino do reportar. Indicam num mesmo gesto dois possíveis movimentos, o acto de trazer (portar) “algo à presença de alguém” ou levar “alguém á presença de algo”. Decisivo é o prefixo “Re”, que indica que os movimentos atrás expostos se fazem no tempo.” (Godinho 2004:75).

A essência da Reportagem, enquanto género jornalístico, tem aqui a sua linha traçada, no levar algo à presença de alguém, no de levar uma notícia à presença do leitor e espectador, numa “circulação de histórias e acontecimentos.” (Godinho 2004:89).

Primeiramente nos jornais no século XIX, e depois nas televisões já no século XX, e segundo Godinho (2004:160), a Reportagem foi requisitada, numa fase inicial, como “mera técnica das redações, onde a sua função limitava-se à atualidade num continuum

sem finalidade pensável”, muito longe daquilo que a Reportagem significa nos dias de hoje.

A América do Norte institucionalizou o termo *repórter*, tendo as Guerras sido o palco de atuação primordial do jornalista profissional que fazia o relatório de um facto.

“Várias centenas de repórteres fotográficos e correspondentes foram destacados no continente americano e em toda a Europa, para cobrir a guerra. (...) A especificidade da guerra civil americana foi responsável por um conjunto de regras e práticas ainda hoje fundamentais no jornalismo” (Godinho, 2004:161).

Se na altura das Guerras, os relatos dos repórteres só chegavam às redações através do telégrafo, com o surgimento da televisão, imagens e som puderam abrir os horizontes da informação, mudando totalmente o paradigma da reportagem.

A “visão à distância” passou realmente a ser possível, com a reportagem a “repor a visão perdida dos acontecimentos”, conforme analisa Jacinto Godinho (2004: 623). O mundo passou a estar diante dos olhos do espectador, sentado num sofá, de frente para o televisor; o *ver para crer*.

III.3 - Reportagem e Notícia

A Reportagem e a Notícia são dois géneros jornalísticos que apresentam diferenças logo ao nível estrutural, no que a dimensões diz respeito. A reportagem é manifestamente mais ampla do que a notícia. Esta última acaba por apresentar uma narrativa breve e informativa, acerca de um acontecimento atual.

Albertino Aor da Cunha, na sua obra “Telejornalismo” acaba por fazer uma analogia entre estas duas práticas jornalísticas:

“Entende-se por notícia aquela que o repórter consegue colhendo dados e descobrindo factos. Reportagem é o levantamento em profundidade sobre factos específicos determinados em forma abrangente e completa. (...) É uma tentativa de esgotar um assunto em todas as suas variáveis, decorrências, implicações e opiniões” (Cunha, 1990:25).

De acordo com Lage (2012), aquilo que marca a distância a notícia e a Reportagem está no projeto do texto que indica de que forma o assunto será abordado:

“Para as notícias, as pautas são apenas indicações de factos programados, da continuação de eventos já ocorridos e dos quais se espera desdobramentos. [...] Reportagens supõem outro nível de planeamento. Os assuntos estão sempre disponíveis (a informação é a matéria-prima abundante, como o ar, e não carente, como o petróleo) e podem ou não ser atualizados (ou tornados oportunos) por um acontecimento” (Lage, 1996 apud Silva e Baltazar, 2013:55).

Mas apesar das diferenças, a reportagem e a notícia acabam por marcar o compasso no ritmo dos telejornais atuais, e estes acabam por ser preenchidos por pequenas peças ou pequenas reportagens lançadas para o ar em função do tempo que ocupam.

Para Godinho, a relação entre a notícia e a reportagem acaba por ser mais profunda, no sentido que a pequena reportagem apenas existe em função daquilo que é notícia:

“A notícia passou a comandar os ritmos da pequena “reportagem” nos telejornais. A “reportagem curta” segue a notícia, ilustra-a, testemunha-a e é por ela justificada. Cada vez mais só a notícia justifica a reportagem e as reportagens vão, por isso, existindo apenas como satélites da notícia, copiando as suas fórmulas de “choque”: os jogos de palavras nos textos, ou os *soundbites* nos depoimentos. A palavra de ordem para a reportagem, nas redações dos telejornais passou a ser o tempo: “faz-me um minuto e meio de Dia Mundial da Sida, ou “dois minutos de Assembleia da República”, “a peça tem o quê, 3 minutos? Não pode entrar. Temos o telejornal demasiado grande” (Godinho, 2004:661).

Na perspetiva de Godinho, a reportagem só existe em função daquilo que a notícia lhe dá e, dessa forma, as Grandes Reportagens vão dando lugar a reportagens mais pequenas, sem grande invocação, fazendo-se valer das ideias das notícias.

Há assim uma notória inversão de importâncias e lugares. Nos primórdios dos jornais, era a Reportagem que dominava e ditava a tendência, dando ela origem às notícias. Os repórteres eram conhecidos por andarem sempre à procura do acontecimento, investigando, e quando escreviam sobre algo, esse assunto tornava-se quase automaticamente notícia.

Com a velocidade das comunicações e multiplicidade de meios, a notícia deixa de andar atrás da reportagem, vindo ela ter à redação pelos mais variados meios.

O jornalista não tem uma necessidade imperiosa de andar atrás de focos de notícia. A internet e os telefones são o transporte dos próprios acontecimentos até à mão do jornalista. A todo o momento há pessoas com um *smartphone* na mão, capazes de

gravar um acontecimento e envia-lo para os e-mails das redações ou para as redes sociais, dando origem a uma notícia, sem que o profissional se tenha deslocado ao local.

A notícia ganha assim independência e autonomia mas está longe daquilo que é a profundidade da reportagem.

Resumindo, a notícia transpõe os factos e a reportagem leva o espectador até ao lugar do acontecimento. E aí reside a verdade da reportagem, numa missão de colocar o espectador dentro da própria ocorrência.

III. 4 – A Grande Reportagem como imagem de marca da informação da SIC

Surgido em 1981, o género *Grande Reportagem* veio abrir novos horizontes no jornalismo português, que tinha na época poucos programas informativos que retratassem a atualidade, mas foi em França que o termo começou a ganhar força, para diferenciar as reportagens de cariz mais alargado, conforme nos elucida Jacinto Godinho.

A Grande Reportagem, para além de ter a particularidade de ter uma maior dimensão temporal, era (e continua a ser na atualidade) um género explorado por jornalistas mais experientes, que sejam capazes de prosseguir com investigações, cumprindo sempre os prazos que a atualidade exige. As chamadas *Hard News* nas redações anglo-saxónicas.

A Grande Reportagem procurou sempre “mexer” com o espectador, trazendo ao de cima temas de interesse público, muitas vezes polémicos. “ A Grande Reportagem quando surgiu nos anos 80, trazia a proposta de um quadro diferente, amplo, reflexivo, causal, a exigir uma grande incomodidade mental ao espectador” (Godinho, 2004: 929). Tinha essa missão implícita de causar impacto.

Um género que veio marcar a informação, com programas exclusivamente dedicados a ele, e que todos os canais quiseram colocar em prática, sendo mesmo um formato disputado pelas cadeias de televisão RTP e SIC, em meados dos anos 90, como afirma Godinho na sua tese de Doutoramento.

É de conhecimento geral que a SIC tinha uma grande tradição em Grande Reportagem, chegando mesmo a tornar-se num programa autónomo.

Desde maio de 1996, o terceiro canal da televisão pública portuguesa começou as emissões do *Grande Reportagem*, coordenado pela jornalista Cândida Pinto e foi, desde essa altura, uma marco na informação do canal.

As GR (Grandes Reportagens) eram emitidas, normalmente, às segundas-feiras, no final do jornal da noite, e acabaram por ter uma grande repercursão, com dezenas de GR a serem premiadas nacional e internacionalmente.

Porém, atualmente, e apesar de ainda estar no ar, a GR não possui a mesma periodicidade que manteve em anos anteriores. Longe disso.

Levanta-se assim a pergunta: Porque é que se fazem menos GR?

E quem me responde é o próprio diretor-adjunto de informação do terceiro canal.

Para José Gomes Ferreira, “rubricas como a Grande Reportagem continuam a ser realizadas, só que não são feitas religiosamente todas as semanas, nem precisam de ser”. A SIC optou por apostar noutra tipo de formatos informativos como grandes entrevistas, reportagens especiais de fim-de-semana, programas que envolvam reportagem como o *E Se Fosse Consigo?*.

Mas esta tomada de decisão por parte da direção de informação do canal não foi em vão. Tudo passa pela gestão de recursos, conforme afirma José Gomes Ferreira: “Nós mantemos a mesma estrutura e o mesmo quadro de pessoal e não podemos ter 20 pessoas dedicadas à Grande Reportagem. Temos duas, três ou quatro, dependendo do caso. Mas temos muito mais gente a fazer outro tipo de reportagens.”

Para André Antunes, coordenador do Primeiro Jornal, os motivos para a redução das GR na SIC passam por questões financeiras, que de resto é uma tendência que se regista em todos os canais, conforme afirma.

André Antunes, ao longo da sua carreira na SIC foi-se apercebendo dessa redução de custos e diz compreender a opção do canal apesar de não concordar com ela:

“Todas as semanas tínhamos uma Grande Reportagem só que isso é realmente caríssimo de se fazer. Os meios que emprega são muitos, implica teres um jornalista destacado para aquilo durante um mês, pode implicar idas ao estrangeiro, muitas deslocações, e tem também implicações nas equipas. Implica teres um câmara fora da redação durante 15 dias, no mínimo, um jornalista durante um mês, um editor durante duas semanas, mais a produção e toda a envolvência. Tem esse impacto na redação. E o custo-benefício disso? Eu acho que o caminho

que temos seguido é errado. É a minha visão. Eu acho que devíamos continuar a apostar na Grande Reportagem, acho que é um formato nobre, acho que foi uma das grandes marcas que a Sic teve. Continuamos a fazer mas só quando se justifica.”

Para além dos cortes financeiros, o coordenador do Primeiro Jornal é da opinião de que a GR enfrentou vários problemas, que acabaram por resultar numa falta de criatividade e de temas para abordar nos dias de hoje:

“Há um outro ponto que eu compreendo que é o facto da SIC fazer 25 anos, e nestes anos todos a SIC fez milhares de Grandes Reportagens, nós já batemos quase as portas todas. Há temas novos que continuam a surgir mas já fizemos tanta coisa que é difícil não nos repetirmos. Chegamos a uma altura em que ainda tínhamos as grandes reportagens semanais em que eu notava que estávamos um pouco a banalizar o formato da Grande Reportagem, sobre temas que se calhar não o justificavam. Não houve essa disciplina de ver se se justificava ou não, e avaliar se não seria fazer algo mais pequeno.”

Questionado acerca de se existiu um corte assumido por parte da direção neste formato, André Antunes afirma perentoriamente que sim: “Houve um corte. Decidiu-se que só se faria Grande Reportagem quando se justificasse.”

Este é um formato que, na generalidade, implica um exercício de investigação, o aprofundamento de um certo tema, indo ao encontro daquela que realmente é a essência do jornalismo.

Como coordenador de um dos principais jornais da SIC, André Antunes lida diariamente com o “emagrecimento” das redações, emagrecimento esse que se reflete diretamente na qualidade e quantidade do jornalismo praticado. Vai-se dando menos lugar às grandes histórias para entrar no ritmo da atualidade, que deixa pouco espaço para a investigação:

“A GR é um formato que pode misturar vários estilos mas tem certamente sempre a componente de investigação. Acho que a investigação pura e dura, numa peça que se faça num ou dois dias, também tem vindo a decair. Isto é tudo uma consequência do emagrecimento e da falta de qualidade média das redações em Portugal. Há alguns formatos em que ainda se faz isso, nomeadamente de periodicidade semanal, feitas, por exemplo, pelas revistas Sábado, Visão, ou pelo jornal Expresso...agora, nas coisas para o dia-a-dia, nós somos absolutamente triturados pelo rôlo compressor. Parece que estamos num comboio a vapor e temos de estar sempre a meter carvão.”

Uma metáfora que espelha a realidade das redações de hoje.

III.5 - Reportagem: o género nobre mas menos praticado

A nobreza da Reportagem é uma ideia que está intrinsecamente ligada ao jornalismo e é um ideal reconhecido por qualquer estudante de jornalismo, tal é a sua menção efetuada por professores e profissionais da área acerca deste *nobre título*.

Para Anabela Gradim, para além de ser nobre, a reportagem é considerada até

“sublime e literariamente privilegiada. Tal como na notícia, o propósito da reportagem é informar os seus leitores sobre algum tipo de acontecimento — a diferença é que a reportagem adopta uma estrutura diferenciada da notícia, procurando tratar o assunto exaustivamente, segundo o ponto de vista adoptado, e em profundidade” (Gradim, 2000).

Mas, se por um lado os investigadores da área do jornalismo fazem alusão à nobreza da reportagem enquanto género jornalístico, também sublinham o facto de ser cada vez menos praticado. Redações mais sedentárias, à volta dos computadores, e com menos recursos são as razões apontadas.

Esta mudança no paradigma informativo foi gradual e, quando analisada com algum distanciamento temporal, as evidências e motivos estão à vista. A criação de canais temáticos por cabo, como a SIC Notícias, e até mesmo as redes sociais, vieram trazer a necessidade de preencher grelhas e de acelerar o processo de criação noticiosa. Os jornalistas deixaram de ter de produzir peças para dois jornais diários nos canais generalistas, para passarem a ter de realizar 24 horas sobre 24 horas de noticiário permanente.

Não é que haja falta de espaço para colocar reportagens no ar mas esse espaço acaba, por vezes, por ser mal aproveitado.

Conforme analisa Jacinto Godinho,

“atualmente, a televisão é dominada por programa de temporalidades curtas e amontoadas, como as notícias, as publicidades, as promoções, os videoclipes. Mesmo programas longos, como os talk-shows, vivem de uma variedade enorme de assuntos, onde cada tema e entrevistados dispõem de um tempo de permanência em cena cada vez mais curto.” (Godinho, 2004:656).

Na impossibilidade de colocarem equipas no terreno capazes de dar vazão a todas as necessidades, trabalhar atrás do computador/internet tornou-se a ferramenta mais apropriada e eficaz.

Fazer peças jornalísticas através de *feeds* vindos de agências noticiosas e de imagens de arquivo passou a ser rotina nos canais televisivos.

Mas a televisão, mais concretamente a informação, vive da atualidade, do momento e da imagem, das saídas para o terreno, e enveredar pelo caminho da sedentarização das redações é ir contra os princípios do jornalismo.

Porém, esta visão de diminuição da reportagem não é partilhada por todos os jornalistas e membros da direção.

José Gomes Ferreira, numa entrevista que me concedeu, contrariou esta versão.

“Isso não é verdade. Os Professores ⁹ devem olhar para as segundas partes dos jornais da SIC, para as rúbricas que temos e logo verão essa teoria ser contrariada. Há casas que não fazem, há milhares de sites que não têm a capacidade de o fazer mas os principais jornais fazem. Um DN, um Expresso...esses têm reportagem. (...) Só num sentido muito restrito é que se pode dizer que há menos reportagem. É uma ideia errada. Essa é uma ideia formada apenas a olhar para a Grande Reportagem. (...)Isso não é verdade, até porque televisão não se pode fazer assim. Nos jornais e sites pode acontecer mas aqui não. Não podemos deixar de ter o nosso próprio video, senão fechamos.”

De notar que a opinião de José Gomes Ferreira vai contra a opinião de Jacinto Godinho, acima descrita, acerca dos conteúdos televisivos atuais. Esta diferença de posições prende-se com a perspetiva que cada um tem daquilo que é a Reportagem: enquanto Jacinto Godinho trata a Reportagem como um grande género jornalístico, com necessidades especiais de aprofundamento e investigação onde não há barreiras de questionamento, para José Gomes Ferreira a Reportagem abarca todas as formas alargadas de estar no terreno, como os diretos.

Para o diretor-adjunto de informação da SIC, o canal emite imensos formatos que são reportagem, apesar de fugirem aos padrões ditos habituais. Se reportagem é sinónimo de ir para o terreno e reportar, a SIC tem imensos que se enquadram nesse género:

⁹ Curiosamente, um dos principais autores referenciados ao longo deste relatório, Jacinto Godinho, para além de professor é também um conceituado jornalista de televisão.

“Temos o *Perdidos e Achados*, temos o *Futuro Hoje*, temos o *Contas-Poupança*... O que é isso senão formas de reportagem alargada?! Não posso prescrever essa ideia que de todo não é verdade. O que é o *Contas-Poupança*? Uma reportagem acerca dos interesses dos consumidores, em confronto com as empresas que lhes deviam prestar um bom serviço e não prestam, questionando os reguladores e o governo. O que é um direto senão uma reportagem. Jornalistas constantemente em direto dos locais de incêndio a fazer reportagem, e da mais nobre que pode haver, mostrando as condições em que as pessoas estão.”

É certo, e já foi referido no início deste relatório, que a reportagem é um género de difícil definição, não havendo concordância entre os autores numa definição única, mas há pontos em comum. A extensão temporal, onde a reportagem surge significativamente mais ampla que os demais géneros, é um desses pontos, assim como o facto da notícia ser mais imediatista, em contrapartida à reportagem que tem como foco a atualidade e a abrangência.

Desta forma, pensar na reportagem apenas como estar no terreno acaba por ser algo redutor. O exemplo dos diretos acaba por mostrar isso mesmo, fazendo aumentar os eventos no terreno, tornando-os automaticamente em reportagem.

Os diretos são a melhor forma de mostrar ao espectador o que realmente está a acontecer em determinado momento. Dessa forma, só se justifica a entrada de um jornalista em direto se realmente este trazer algo de novo, a nível informativo ou mesmo a nível audiovisual. Este foi um dos pontos que o coordenador André Antunes frisou em conversa acerca da temática dos diretos.

Atualmente, os telejornais usam em abundância este género, onde por vezes não há nada de novo a acrescentar mas quer-se mostrar que o canal está efetivamente no terreno, em cima da ocorrência.

Acontece, com relativa frequência, os jornalistas que estão em direto apenas repercutirem as palavras proferidas pelo pivô aquando do lançamento do próprio direto, ou proferirem palavras que descrevem o que não precisa de descrição.

Exemplo disso foram os incêndios que assolaram o país durante este ano de 2017. A catástrofe em causa justificava o direto mas havia a tentação de entrar em direto com muita frequência, quando, por vezes, o que apenas havia para mostrar eram imagens do fogo, sem novos dados a acrescentar.

Esta imediatez própria do diretos, neste caso de uma multiplicidade deles, pode levantar problemas. A experiência televisiva informativa passa-se a concentrar maioritariamente no instante, sem requisitar o passado para uma melhor contextualização, e dessa forma corre-se o risco que o assunto caia rapidamente no esquecimento, como anuiu Jacinto Godinho:

“O “tempo” do acontecimento tal como era tratado pela narrativa tradicional, começando pelo desenvolvimento, pelo climax e pelo desenlace, parece ter cedido o lugar a um tempo serializado de peripécias em climax, de “agoras” em sucessão. Muitos dos acontecimentos que abrem agora os telejornais, como por exemplo, incêndios, desabamentos de casas, crimes passionais, fraudes, existem no tempo de uma notícia. O que vem de trás e o que continua, o desenlace, são “apêndices” deitados fora. A “histeria” que rodeia uma notícia é completamente desproporcional ao esquecimento que se lhe segue. Trata-se de um tempo em que toda a experiência, a memória, a reflexão têm que se sincronizar pelo mesmo segundo da “intensidade imanente”, para se relacionarem com o acontecimento dominante.” (Godinho, 2004:655).

Capítulo IV - Uma redação profissional aos olhos de uma estagiária

IV.1 – Primeiros passos de uma aspirante a jornalista

No vasto universo do Jornalismo, o meio televisivo sempre me fascinou. A conjugação de linguagens utilizadas, a abrangência geográfica, as técnicas e efeitos usados... tudo faz da televisão um meio único e quando surgiu a oportunidade de realizar um estágio curricular num canal televisivo, não hesitei.

Ao longo do meu percurso académico sempre fui tentando passar pelos vários meios por onde uma notícia pode ser difundida: primeiro com uma passagem de três anos pelo laboratório televisivo da Universidade Fernando Pessoa, onde me licenciiei, depois experimentei aulas de rádio, colaborei durante as férias letivas com um jornal de imprensa regional, “o Jornal de Lousada”. Passei pela apresentação de um jornal televisivo de carácter desportivo, também regional, e fui produzindo conteúdos para o meio online.

Todas as experiências serviram para me dar uma noção de como o jornalismo muda conforme o meio e a partir delas consegui perceber qual o que eu gostaria de explorar profissionalmente: a televisão.

No momento de escolher o local de estágio, os três canais generalistas portugueses foram colocados nas opções e surgiu então a oportunidade de ir a uma entrevista na SIC, no dia 12 de janeiro, guiada pelo Diretor-Adjunto de Informação, José Gomes Ferreira.

Fui aceite num estágio curricular de seis meses, com início no dia 20 de fevereiro e com o final a 18 de agosto, onde tive a oportunidade de vivenciar o que realmente o jornalismo televisivo implica.

Por norma, cada estagiário passa por três editorias ao longo dos seis meses de estágio mas, por motivos sazonais, tal não se passou comigo, onde acabei por estagiar em apenas duas secções: Agenda e Primeiro Jornal.

Toda a minha experiência de estágio será relatada neste capítulo.

IV.2 – Secções de estágio: Agenda e Primeiro Jornal

Regra geral, todos os estagiários chegados à redação da SIC são divididos, nos primeiros dois meses, somente por três secções: pela “Agenda”, pelo programa da SIC Notícias “Opinião Pública” e pelo “Online”.

Ali, teremos formação para mais tarde podermos entrar nos meandros do jornalismo televisivo, e aí começar a produzir conteúdos informativos no período restante do estágio.

No primeiro dia foi-me dito que ficaria na Agenda, e as restantes editorias só me seriam conferidas posteriormente.

Agenda

Começando por esclarecer o que é a Agenda, vou fazer uso da expressão que a coordenadora desta secção, Ana Luísa Galvão, utilizou para me elucidar da importância da mesma: “é a base da redação da SIC”.

E de facto é ali, em grande parte, que tudo começa.

A Agenda é composta por três jornalistas, Ana Luísa Galvão, Conceição Andrade e Isabel Santana, e por dois estagiários. Estes últimos vão alternando todos os meses. O horário desta secção começa pelas 08h00 e termina pelas 20h00, funcionando apenas nos dias úteis, ao contrário de todas as outras editorias.

Na Agenda, recebem-se propostas de notícia, vindas quer de entidades oficiais como de pessoas anónimas. É também na Agenda que se recebe a agenda semanal do Presidente da República, do Primeiro Ministro, de todos os Ministros em funções e de outras entidades nacionais que merecem o destaque dos media.

É para a Agenda que são redirecionadas todas as notícias de última hora, chegadas, na maioria das vezes, via telefónica.

Diariamente caem na agenda dezenas de telefonemas, de e-mails e de cartas, vindas de pessoas que querem fazer chegar à comunicação social, nomeadamente à SIC, denúncias de casos pessoais, pedidos de ajuda, entre outras situações.

Outra das características importantes que rege a Agenda da SIC é o facto de receber diariamente a agenda da Agência noticiosa Lusa. Todos os dias, por volta das 15h00, é recebido, via e-mail, o calendário da Lusa para o dia seguinte, de forma a acrescentar à agenda noticiosa os eventos em falta. Este processo repete-se em dose dupla todas as sextas-feiras, onde é recebida uma agenda semanal. No final do mês, a SIC recebe também uma agenda mensal.

Diariamente, grande parte dos jornais impressos distribuídos em Portugal são lidos minuciosamente na Agenda, com o intuito de detetar possíveis eventos que ainda não tenham sido marcados na redação da estação de Carnaxide.

Uma das tarefas realizadas todas as manhãs é ligar para os tribunais de forma a saber se os casos mediáticos em julgamento se vão realizar ou não na data prevista, de forma a evitar saídas em vão por parte dos jornalistas.

Com toda esta informação recebida, através dos mais variados meios, os jornalistas e estagiários na Agenda colocam os eventos num calendário de forma a sinalizar aos restantes membros da redação, os serviços que eventualmente poderão ser marcados.

A Agenda assume assim um papel fundamental na informação da SIC.

Terminado o meu período na Agenda, foi-me dito que eu seguiria para o Primeiro Jornal durante dois meses, e mais tarde passaria para a secção de Desporto. Tal não aconteceu.

Por decisão das chefias do canal, os estagiários presentes na redação durante o período de verão foram distribuídos apenas por duas secções: pelo Primeiro Jornal e pelo Jornal da Noite, em vez de serem colocados nas várias editorias disponíveis. A justificação apresentada foi a de que em período de férias, as editorias têm poucos jornalistas presentes capazes de dar apoio aos estagiários e, dessa forma, foram todos colocados em secções mais abrangentes. A minha passagem pelo Desporto foi assim posta de parte e passei quatro meses no Primeiro Jornal.

Primeiro Jornal

O Primeiro Jornal é composto por uma vasta equipa de Jornalistas que produz conteúdos destinados a passar no jornal televisivo das 13h00, de segunda a sexta, na SIC. A par do Jornal da Noite, o Primeiro Jornal é o telejornal com maior dimensão e importância para o canal por serem os jornais com maior audiência.

O coordenador do PJ (Primeiro Jornal) é o jornalista André Antunes que tem ao seu dispor uma vasta quantidade de meios, desde as equipas espalhadas por todo o país que vão produzindo conteúdos, assim como as restantes editorias presentes na redação de Carnaxide.

Todos os dias, pelas 15h00, os diretores de informação e os coordenadores reúnem-se para decidir o que será notícia no dia seguinte. Este é um processo que passa pela análise dos eventos que as jornalistas da “Agenda” decidiram colocar em calendário. Escolhidos os acontecimentos e temáticas, cada coordenador atribui essa saída a um jornalista, através de uma plataforma a que toda a redação tem acesso, chamada *AP ENPS*.

Desta forma, cada jornalista consegue ver o trabalho que tem marcado para o dia seguinte. No caso do Primeiro Jornal, os serviços são praticamente todos marcados para as manhãs, visto que os conteúdos têm de estar prontos para entrar às 13h00, no horário do PJ.

Os jornalistas têm assim a possibilidade de saber de antemão o seu trabalho e prepararem-se melhor para a realização do mesmo.

Mas os conteúdos que compõem o alinhamento do Primeiro Jornal não advêm exclusivamente do que é marcado em reunião. Existe uma rotina diária que o Coordenador, André Antunes, me descreveu:

“A minha rotina é acordar às 06h45, ver as manchetes dos jornais e ouvir as rádios, sem me esquecer de no dia anterior, antes de me deitar, ver as notícias de passagem, para tentar que não me passe nada. Já de manhã na redação é abrir as agências, ver os alinhamentos dos canais de cabo e ver o que vai acontecendo durante a manhã: um incêndio, um acidente, o que for.”

Para além desta análise diária que faz, o coordenador conta também com propostas de notícia dos próprios jornalistas, de maneira a ter conteúdos diversificados no seu jornal.

Os estagiários também são tidos em conta neste processo. Muitas foram as vezes em que o André Antunes me inquiriu acerca de uma possível proposta de uma peça jornalística.

Nem todas as propostas foram aceites, mas existiram casos em que isso aconteceu, como foi a situação de um alerta lançado pelo Infarmed que denunciava a presença de determinados medicamentos ilegais no mercado. Vi essa informação num *feed* noticioso e sugeri o tema a André Antunes, que a achou pertinente no alinhamento.

A equipa do PJ começa o seu dia de trabalho por volta das 08h00 e termina-o pelas 16h00, sendo que a máxima de que os jornalistas não têm horário se mantém em todas as secções.

Os jornalistas chegam então à redação, preparam as suas questões, encontram-se com o repórter de imagem que está previsto acompanhar o trabalho e saem para realizar o serviço. Chegados novamente à redação segue-se o trabalho de criação e montagem de conteúdos. O repórter de imagem insere as filmagens recolhidas no programa *XPRI*, o jornalista visiona-as e começa a escrever o texto de base da peça para, posteriormente, o gravar em voz *off*. Segue-se a edição das imagens, que pode ser feita pelo próprio jornalista ou pelos editores de imagem. Estando a peça concluída, insere-se no programa e vai para o ar assim que o coordenador o decida.

O alinhamento é segmentado ao minuto, tendo todas as peças um espaço temporal definido para serem lançadas, mas esse tempo pode ser adiantado ou atrasado conforme os imprevistos que vão aparecendo, como por exemplo: um direto que dure mais tempo, uma peça que não ficou pronta a tempo...

IV.2.1 – Secções onde estagiei pontualmente: Madrugadas, Fins de Semana e Grande Reportagem

Madrugadas

Na SIC há uma regra inerente a todos os estágios: as Madrugadas.

Nas entrevistas realizadas aos estagiários, é-nos perguntado se temos a possibilidade de fazer madrugadas, sendo este um fator eliminatório.

Durante todo o período de estágio, há entre duas a três semanas em que os alunos interrompem o seu percurso numa determinada secção para estarem presentes na redação durante o período noturno.

São sete noites seguidas, onde o horário de entrada é às 00h00 e saída pelas 06h00, podendo prolongar-se caso haja algum acontecimento que o justifique.

Os estagiários estão acompanhados por um Repórter de Imagem e são eles que asseguram a cobertura de um evento que surja durante o período noturno.

Durante a noite, cabe ao estagiário ir vendo as atualizações dos feeds noticiosos e fazer telefonemas para várias entidades de segurança, como a proteção civil e PSP, de forma a perceber se existe algum acidente, incêndio, ou outro acontecimento que mereça cobertura.

É também da responsabilidade do estagiário, escrever *offs* ou *talking heads*, das informações relevantes que vão chegando à redação pelas agências noticiosas, para que quando a equipa da manhã comece a chegar à redação, tenha o material já preparado.

Este processo prolonga-se durante três semanas alternadas.

Durante o tempo que permaneci nas madrugadas não tive nenhuma ocorrência merecedora de registo que permitisse a minha saída da redação, por isso o meu trabalho foi, sobretudo, atrás do computador, a escrever peças e a editar algumas imagens vindas dos Feeds.

As madrugadas são assim importantes para mostrar aos jovens aspirantes a jornalistas que o trabalho noticioso não tem hora fixa e que, muitas vezes, é durante a noite que a notícia acontece.

Fins de Semana

Com a chegada do verão e, invariavelmente, o período com mais profissionais em modo de férias, os estagiários viram, para além da impossibilidade de frequentarem editoriais, os fins de semana serem-lhes acrescentados ao horário.

Todos os estagiários tiveram, de modo alternado, de comparecer em determinados fins de semana na redação, para ajudar no que fosse necessário, devido à falta de pessoal.

No meu caso, estive presente na redação em dois fins de semana, ambos no mês de agosto.

É-nos atribuído um horário de acordo com as necessidades e, chegados à redação, vamos prestando serviço nas mais variadas áreas.

No meu caso, durante as manhãs foi-me pedido que realizasse peças para entrarem no Primeiro Jornal dos respetivos dias, e durante a tarde realizava conteúdos para as várias edições da SIC Notícias, como *offs* e *mini peças*.

O ritmo da redação de informação da SIC ao fim de semana é muito díspar do ritmo dos dias úteis.

Há muito menos pessoas a trabalhar (menos de metade) e os conteúdos acabam por ser mais leves do que aqueles que estão no alinhamento semanal. Há mais espaço para peças de *lifestyle*, cultura, divulgação de eventos, entre outros assuntos que assentem nos mesmos moldes, sem nunca deixar a atualidade e as ditas *hard news* colocadas de parte.

Nos meus fins de semana, acabei por fazer uma peça sobre as eleições em Timor, outra sobre a tensão entre os Estados Unidos da América e a Coreia do Norte, e vários *offs* sobre temas desportivos, como os bilhetes esgotados para a Final da Taça de Portugal em Futebol, sobre a atualidade internacional, nomeadamente a queda de um templo budista, atualidade económica, como o aumento do preço das sardinhas em Portugal, entre outros.

O coordenador de fim de semana é o jornalista Luís Marçal e as edições da SIC Notícias ficam a cargo do jornalista Luís Manso.

Grande Reportagem

No momento que a SIC e o grupo IMPRESA atravessam, não existem equipas destinadas apenas à realização de Grandes Reportagens. É um género com grande tradição na SIC, mas que vem sendo realizado sem periodicidade fixa.

No entanto, e contrariamente ao que eu esperava, foi-me possível acompanhar a realização de uma Grande Reportagem e até mesmo participar jornalisticamente.

Um grupo de crianças Ucrânicas, vítimas da Guerra, veio a Portugal passar um mês de férias com famílias de acolhimento Portuguesas.

Este foi tema o da reportagem, que já vem sendo trabalhado nos últimos anos pelos jornalistas da SIC e, este ano, quem o decidiu explorar foi a Pivô da SIC, Fernanda de Oliveira Ribeiro.

A Reportagem foi planeada inteiramente pela Jornalista em causa, que sabia de antemão de todas as etapas que estas crianças iriam passar. Desde a chegada ao aeroporto, até à chegada ao colégio parceiro da iniciativa, à descoberta da família de acolhimento que lhes tinha sido atribuída e as atividades que estavam planeadas, tudo estava já na linha de pensamento da Fernanda Ribeiro e da forma como ela iria querer montar a sua reportagem, havendo sempre espaço para possíveis alterações.

A minha chegada a este projeto chegou a pedido da Fernanda de Oliveira Ribeiro que, vendo-se impossibilitada de comparecer numa das etapas pelas quais as crianças iriam passar, me perguntou se eu a queria ajudar. Prontamente me disponibilizei e parti para o colégio São João de Brito, local onde as crianças carenciadas vindas da Ucrânia iriam descobrir através de um jogo, qual a família que os iria acolher durante aquelas férias.

A jornalista explicou-me a linha de pensamento dela para aquela etapa e deu-me liberdade para encontrar os melhores protagonistas daquela futura reportagem, sendo que a jornalista já tinha estado no aeroporto a filmar a chegada das crianças.

Chegada ao local, acompanhada por um repórter de imagem, deparei-me com a barreira linguística: as crianças apenas falavam e percebiam ucraniano, o que implica outro tipo de meios na altura da edição, mas para o momento tivemos sempre a ajuda de voluntários cuja função era a tradução entre o português e o ucraniano.

Captei o momento do jogo onde descobriam a família de acolhimento e as consequentes emoções resultantes daquela descoberta. Seguiu-se a fase de descobrir quem seriam as melhores crianças e famílias a darem os depoimentos. Sabia que muitas das crianças eram órfãs e vítimas de condições hostis e esse era um ponto a evitar falar com elas.

Tentei perceber junto dos monitores quem eram as crianças mais comunicativas e abertas ao diálogo. Quais as principais diferenças entre Portugal e o país de origem; o que esperavam fazer nestas férias em Portugal; o que achavam da nova família de acolhimento; se estavam felizes por conviver com crianças da mesma idade que elas; se estavam ansiosos por visitar a praias...

Coloquei as perguntas em português e obtive as respostas traduzidas pelo monitor. Não se inibiram de reponder a as famílias quiseram também dar o seu testemunho.

Seguiu-se uma atividade aquática nas piscinas do colégio e achámos que era pertinente recolher as reações destas crianças no ambiente em causa. As etapas seguintes ficaram a carga da autora da reportagem que, em dias diferentes ao longo de todo o mês, foi acompanhando a rotina destas crianças.

A minha participação na reportagem ficou-se por aqui e a Fernanda de Oliveira Ribeiro fez questão de usar a maior parte do material recolhido por mim naquela manhã.

Foi uma experiência muito gratificante a vários níveis: tive a oportunidade de ser inserida num género tão nobre como a reportagem, de trabalhar com uma jornalista que faz parte dos grandes nomes da televisão portuguesa, num ambiente onde me foi dada liberdade para explorar a minha intuição acerca do que é pertinente mostrar ao espectador e, sobretudo, por aquilo que captei ter sido utilizado no produto final.

IV.3 – Rotinas de trabalho: Diário de bordo

A minha chegada à redação da SIC coincidiu com uma fase complicada do Grupo Impresa: um processo de rescisões com trabalhadores dos canais SIC, onde vários jornalistas foram dispensados.

Estava planeada uma reestruturação interna no canal, quer a nível dos recursos humanos como da aposta em novos formatos, incluindo o setor informativo, onde o foco no meio online era um ponto garantido.

Burburinho nos corredores, muita tensão entre os trabalhadores mas nada disto fez com que eu fosse menos bem recebida pela equipa da Agenda.

AGENDA

As três jornalistas fizeram-me uma apresentação do que se faz nesta secção e a estagiária que estava há mais tempo na Agenda ficou encarregada de me dar formação na primeira semana de trabalho.

Com ela, tive o primeiro contacto com o *ENPS*, que, conforme mencionado anteriormente, trata-se de uma ferramenta digital usada pelo canal onde são publicadas e editadas as peças jornalísticas e onde é colocada toda a informação proveniente do Agendamento.

Existiam dois horários disponíveis para os estagiários presentes na Agenda. Um com entrada às 09h00 e saída às 17h00 e outro das 12h00 às 20h00, sendo que o sugerido era que fossemos trocando e assim o fizemos.

O processo de trabalho era simples: ler os e-mails que chegavam à redação, que já tinham sido filtrados pelas jornalistas séniores, e agenda-los conforme a sua temática. Ex: Política, Sociedade, Economia, Efemérides, Julgamentos.

Para facilitar e agilizar o trabalho, a responsável pela secção fez questão de me dar umas explicações acerca do funcionamento de um tribunal e de como estão organizadas as sessões parlamentares.

Tudo se resumia a pegar na informação, catalogá-la de acordo com o seu tema.

Havia dois pontos fundamentais a ter em atenção na criação da ficha informativa: a elaboração do título e a forma de organizar o conteúdo no interior da ficha.

O título tinha de ser curto e ao mesmo tempo evidente. Para isso tinham de conter, em primeiro lugar, os protagonistas da ação, como Presidente da República, Primeiro Ministro, nomes dos Ministros, Bispos, Treinadores de Futebol e outras personalidades que o justificassem. O local em que se passa a ação também era essencial, de forma a agilizar o trabalho dos jornalistas na hora de sair para o terreno.

Já no interior da ficha, tinha de ter em atenção os tempos verbais em que o texto era composto, colocando-o sempre no presente, para não causar confusão ao jornalista a nível temporal. Era também importante colocar a negrito os pontos-chave da ação.

Assinar a ficha e colocar a data em que a mesma foi elaborada fazia parte do processo, de maneira que se surgissem dúvidas, fosse mais fácil esclarece-las com o autor da mesma.

A leitura de jornais pela manhã fazia parte da rotina, sendo que dividíamos essa tarefa entre todos. A este trabalho era-nos acrescentado o atendimento dos telefonemas feitos para a redação, onde tínhamos de apontar todos os relatos feitos ao telefone para posteriormente passarmos esses mesmos relatos às responsáveis da agenda, que por sua vez decidiriam o que fazer com essa informação.

Diariamente recebíamos dezenas de telefonemas vindas de pessoas anónimas. Coube-me a mim várias vezes atender chamadas que resultaram em *notícias de última hora*. Uma explosão numa fábrica em Setúbal, um incêndio perto do Aeroporto Francisco Sá Carneiro no Porto, uma rixa entre pais e alunos numa escola em Lisboa foram algumas delas.

Muitos dos telefonemas que recebíamos eram pedidos de ajuda humanitária que, na maioria das vezes, não resultaria em notícia mas que a SIC fazia questão de os tentar resolver internamente, através de telefonemas para as entidades competentes.

Os meus dias na Agenda eram sempre de trabalho intenso e com pouca margem para descanso. Os e-mails caem ao minuto e, muitos deles, com matéria importante para o dia seguinte.

A densidade do trabalho praticado na Agenda deve-se também à Agenda da agência Lusa, a qual tem grande peso na marcação de serviços para a redação da SIC.

São dezenas (por vezes centenas) de páginas recebidas diariamente que temos de ler, reler e confirmar se não há nenhum acontecimento em falta em comparação com a nossa própria agenda, sempre tendo em conta o que as chefias de informação consideram pertinente abordar.

No entanto, o ritmo da Agenda em nada se compara ao ritmo das restantes secções e editorias, tendo um registo próprio.

Os jornalistas dependem do trabalho da Agenda, mas a Agenda não depende do trabalho dos jornalistas e, em muitos casos, essa diferença de ritmos foi por mim notada.

Aquando dos atentados em Londres, a redação entrou em natural alvoroço, quer pelo acontecimento em si, como pelo impacto noticioso que tal acarreta, mas na Agenda pouca diferença se sentiu. A Agenda nada poderia acrescentar à situação, as imagens do atentado eram recebidas por outras agências e canais internacionais e, por isso, a rotina de trabalho não se alterou.

No sentido oposto, quando uma avioneta caiu no Supermercado Lidl em Tires, tudo na Agenda parou porque, passando-se em Portugal, a informação foi chegando à redação através de telefonemas e e-mails de cidadãos que se encontravam no local. Foram chegando à Agenda filmagens de anónimos e coube à Agenda analisá-los e reenviá-los para as chefias.

Muitos dos estagiários com quem convivi na redação da SIC não apreciaram a passagem de dois meses por esta secção. “Tempo a mais na Agenda”, “trabalho de secretária”, “não é trabalho jornalístico”, foram alguns dos argumentos ouvidos pelos jovens estudantes. Apesar de compreender estes pontos de vista, reconheço que a Agenda é útil para percebermos a forma como uma redação está organizada, ajuda no sentido de síntese da informação recebida e mostra-nos a importância de fazer contactos no meio noticioso.

PRIMEIRO JORNAL

Terminado o meu estágio na Agenda, fiquei satisfeita por me terem atribuído uma passagem pelo Primeiro Jornal, que seria prolongada durante quatro meses, até ao final do estágio.

As indicações vindas de outros estagiários e de alguns jornalistas com quem me ia cruzando eram as de que o Primeiro Jornal era, de facto, uma das melhores secções para se aprender, e colocar em prática tudo o que já se aprendeu.

Ceguei ao *PJ* no dia 24 de abril.

Pelas 08h00 cheguei à redação e fui apresentada ao coordenador, André Antunes, pela mão da coordenadora de Agenda, que fez questão de lhe dar conhecimento das minhas competências.

André Antunes explicou-me vagamente o funcionamento daquela secção mas quis salientar que o mais importante são as idas para o terreno de forma a poder observar e colocou-me nessa mesma manhã a acompanhar uma jornalista com bastante experiência, Elsa Gonçalves, numa ida ao Hospital Dona Estefânia, em Lisboa, para cobrir um caso de Sarampo.

No dia seguinte o processo repetiu-se e fui acompanhar uma jornalista na cobertura de um incêndio numa fábrica de tratamento de resíduos em Cascais.

Ao terceiro dia, aquilo que eu pensava que seria uma rotina alterou-se. O coordenador do *PJ* visualizou nos *feeds* da *agência lusa* que havia um incêndio numa moradia em Cascais e questionou-me se me sentia preparada para ir sozinha para o incêndio.

Mostrei vontade e autonomia e tal gesto valeu-me a confiança do coordenador, que me enviou para o terreno com o repórter de imagem.

Pelo caminho fui preparando as eventuais perguntas a colocar mas chegados ao terreno o incêndio já se encontrava extinto, pelo que não se justificou a realização de uma peça.

O resto da semana foi dedicada ao acompanhamento de diretos no terreno.

Ir para os acontecimentos com os jornalistas mais experientes ajudou-me na forma de abordagem de cada tema e todos os jornalistas se mostraram disponíveis para me ensinar e responder a todas as minhas dúvidas.

Terminada esta primeira semana de *aprender vendo*, chegou a fase do *aprender fazendo*.

Todas as manhãs, quando chegava à redação tinha uma saída agendada. Procurava averiguar junto do coordenador se havia algum ângulo de abordagem específico que ele precisasse para a peça em causa, e saía para o terreno.

Numa primeira fase, eram-me atribuídos temas mais ligeiros como atividades que envolvessem crianças e idosos, temas relacionados com o lazer e estilo de vida, meteorologia, etc.

Com o tempo, comecei a tratar assuntos com maior impacto nacional como os incêndios, saúde, economia, greves, eleições internacionais, entre outros.

O Primeiro Jornal providencia aos estagiários um contacto mais direto com a realidade de um repórter o que torna esta secção aliciante para quem quer aprender e gosta realmente do meio televisivo.

Porém, passar pelo PJ acarreta algumas dificuldades, e a principal delas é o tempo. Trabalha-se sobre grande pressão temporal. As peças têm de estar prontas por volta das 13h00 e o trabalho do estagiário depende de terceiros.

Temos de encontrar sempre um jornalista disposto a ler, corrigir e dar voz à nossa peça, o que na maioria das vezes é um processo difícil pois a redação acaba toda por estar bastante ocupada, a tratar das próprias peças.

Editar as imagens da peça é outra das condicionantes. Perto das 13h00 as salas de edição de imagem encontram-se lotadas, por se aproximar do horário de início do PJ, fator este que atrasa todo o processo de produção.

Como no período de verão quase todos os estagiários foram divididos pelo Primeiro Jornal e pelo Jornal da Noite, (o PJ passou a contar com cinco) o coordenador passou a ter o trabalho extra de tentar atribuir peças a todos os estagiários diariamente.

Como permaneci quatro meses no Primeiro Jornal isso conferiu-me mais experiência em relação aos meus colegas de estágio e consegui que praticamente todos os dias tivesse uma saída agendada.

Considero que todo este processo foi muito positivo para mim porque me permitiu abordar uma maior quantidade de temas e deu-me uma maior experiência em todas as fases de elaboração de uma peça jornalística.

De seguida, serão abordados alguns dos trabalhos por mim realizados durante o período de estágio.

IV.4 – Trabalho desenvolvido

O primeiro texto que o coordenador do Primeiro Jornal me pediu para escrever, em jeito de treino e para averiguar como era a minha escrita, foi sobre economia, mais concretamente acerca dos empréstimos concedidos pela banca para o ramo imobiliário.

Apesar de não dominar o tema, tive o apoio de uma jornalista de economia que me foi dando dicas de forma a escrever um texto que seja perceptível a todas as pessoas ou seja, descodificar palavras e termos técnicos que possa confundir o espectador.

A este conselho, foram-se acrescentando outros bastante úteis ao longo do tempo:

- Usar frases curtas que facilitem a respiração no momento de ler o texto;
- Quando uma peça envolve um tema mais leve, deve-se aproveitar esse facto para brincar mais com as palavras;
- Quando se detetam boas histórias e boas “personagens” numa entrevista, devem-se usá-las para abrir a peça, de forma a captar a atenção do espectador. Entre outros.

Ao longo da minha passagem pelo PJ tentei sempre incorporar estes conhecimentos transmitidos tanto por profissionais experientes, como por professores com que me fui cruzando ao longo do meu percurso académico.

Por norma, na SIC, os estagiários não podem assinar nem dar voz às peças que redigem e, dessa forma, nenhuma peça é assinada pelo próprio, tendo apenas a assinatura vocal do jornalista que lha conferiu. Assim se passou comigo.

Foram 50 os trabalhos jornalísticos que realizei, entre peças, reportagens e *offs*, onde apenas duas não passaram no Primeiro Jornal por falta de espaço no alinhamento, mas foram transmitidas posteriormente no canal SIC Notícias.

Tendo em conta este número elevado, por questões de relevância, optei por abordar neste capítulo do relatório 20 peças feitas por mim, as quais, na maioria, implicaram a minha ida ao terreno.

Todas elas passaram no Primeiro Jornal da SIC.

Na seguinte tabela encontram-se elencadas estas notícias, assim como a data em que foram transmitidas e qual a temática a que dizem respeito:

DATA	TÍTULO	TEMA
22.05.2017	Música e dança animam a linha de Cascais	Sociedade
23.05.2017	Dia B no Barreiro contou com mais de mil voluntários	Sociedade
29.05.2017	Início das obras no Miradouro de São Pedro de Alcântara	Sociedade
31.05.2017	Temperaturas descem a partir de sexta-feira	Meteorologia
01.06.2017	Mais de mil crianças no lançamento de novo programa da PSP	Sociedade
02.06.2017	Novo medicamento para perder peso proibido pelo Infarmed	Saúde
05.06.2017	Trabalhadores da Secil em plenário	Greves
19.06.2017	Cruz Vermelha monta posto médico em Figueiró dos Vinhos	Saúde
29.06.2017	Oceanário de Lisboa tem dois novos tubarões	Sociedade
05.07.2017	Única vinha de Lisboa vai comercializar um novo vinho	
19.07.2017	Estação de Metro de Arroios fecha até 2019 para obras de requalificação	Sociedade
20.07.2017	Novas regras para compra e venda de animais	Sociedade
21.07.2017	Preços das casas subiram 7,9% no primeiro semestre	Economia
23.07.2017	Díli decide legislativas em Timor-Leste	Política Internacional
27.07.2017	Encontro Mundial de Citroen 2 Cavalos na Ericeira	Sociedade
28.07.2017	Lisboa Stone Crushers reúne alguns dos melhores skaters do mundo	Desporto
01.08.2017	Praia artificial do Torel reabre pelo terceiro ano consecutivo	Sociedade
09.08.2017	Fundação O Século leva crianças à praia de São Pedro do Estoril	Sociedade
10.08.2017	Como seria se fosse refugiado	Refugiados
11.08.2017	O dia com mais fogos florestais do ano	Incêndios

As peças jornalísticas em causa podem ser visualizadas através dos links disponíveis nos anexos ¹⁰deste relatório de estágio.

Observando esta tabela é possível verificar que durante os quatro meses que passei pelo Primeiro Jornal tive a oportunidade de ir para o terreno em várias situações e escrever sobre diversos temas.

Para além disso, tive também a oportunidade de noticiar acontecimentos que se demarcaram devido aos grande impacto que causaram a nível nacional como é o caso dos incêndios que fustigaram o país, principalmente na zona centro.

Um desses casos foi a reportagem intitulada “Cruz Vermelha monta posto médico em Figueiró dos Vinhos”, aquando dos incêndios em Pedrogão Grande, que resultou da minha colaboração com um repórter da SIC que estava no terreno a recolher informações e depoimentos. Coube-me a mim fazer a reportagem com os vivos e imagens que ele recolheu.

Todas estas peças são representativas da confiança que é dada ao trabalho dos estagiários, onde há a permissão para termos liberdade de escrita e para nos envolvermos em temas que possam parecer mais complexos.

Há também a possibilidade de detetar um padrão nas minhas peças, que de resto acaba por coincidir com o padrão da maioria dos estagiários que passam pelo PJ: as temáticas que se inserem na categoria *sociedade* são as dominantes.

Apesar de existir uma secção denominada *Sociedade*, com jornalistas especializados que abordam vários temas desde a saúde até à justiça, o PJ, como secção, acaba por abordar isoladamente acontecimentos que se inserem nessa categoria.

Para além destas peças, tive também a oportunidade de realizar um direto para o Jornal da Manhã, na sede da Autoridade Nacional de Protecção Civil, onde os responsáveis falariam ao país acerca dos graves incêndios florestais que atingiam o país. Um direto acarreta outro tipo de responsabilidades e atenção mas acabou por ser uma experiência enriquecedora.

Todo o trabalho desenvolvido ao longo de seis meses veio alterar totalmente a minha perspetiva do que seria trabalhar em televisão.

¹⁰ Anexos disponíveis no final do relatório.

IV.5 – (Falta de) Reportagens desenvolvidas: o ponto de vista dos jornalistas

Como já foi abordado nos capítulos anteriores, o jornalismo atravessa uma mudança nos seus paradigmas que dá aos académicos da área a perspectiva de que as redações se estão a tornar cada vez mais sedentárias, na medida em que se reduzem ao espaço físico da redação para fazer o seu trabalho e aos meandros de um computador, em vez de irem para ao terreno à procura de boas “histórias”.

Se, por um lado, o aumento da tecnologia previa ampliar fortemente a mobilidade e as ferramentas do repórter, por outro tem-se revelado o oposto, retendo-o cada vez mais entre as paredes da redação, levando-o a apurar as informações através da internet. É neste âmbito que o “Observatório da Imprensa¹¹”, um site dedicado à temática do jornalismo, dedica um artigo a esta questão: “Onde estão os repórteres?”.

Nele, vários jornalistas relatam que, nos dias de hoje, acabaram por nunca estarem pessoalmente com algumas das suas fontes, sendo o contacto estabelecido unicamente através da internet.

Esta realidade acaba por ser preocupante levantando questões como a da credibilidade e legitimidade das fontes.

Neste artigo há também a referência a um diretor de conteúdos do “portal R7”, Luiz Pimentel, que diz tratar muitos dos seus ditos repórteres por redatores, e justifica:

“Tem muito pouco repórter que faz reportagem. O redator é uma prática de fazer reportagem pelo Google, de fazer a apuração pelo Google. Por essa urgência muito maior, tem muito menos espaço para o olho a olho, pra pessoa chegar e fazer uma reportagem, ter um tempo de apuração, conseguir concatenar as ideias. Hoje os jornalistas em internet são muito mais redatores do que repórteres. Por isso que eu falo redatores, porque são 80% redatores e 20% repórteres, ou mais.” (Moretzsohn 2014).

A reportagem passa assim para segundo plano e, conseqüentemente, o número de reportagens realizadas também diminui.

Tentando perceber a perspectiva dos próprios jornalistas da SIC acerca desta tendência, decidi questioná-los.

¹¹ http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/ed801_onde_estao_os_reporteres/
Consultado a 11/10/17

Ana Luísa Galvão, coordenadora da Agenda da Sic e também antiga repórter da RTP, concorda que possa haver uma sedentarização das redações mas nega a possibilidade de que a produção de reportagens tenha quebrado:

“Duvido muito que tenha diminuído a produção de reportagem em termos absolutos. Pode ter baixado percentualmente quando comparado com o número total de matérias noticiosas que vão para o ar. Certamente aumentou o trabalho de “secretária”, mas o aumento de horas de informação diária só pode conduzir a um aumento da reportagem, entendendo a palavra reportagem no sentido em que houve jornalistas da SIC no local dos acontecimentos. Para mim, tanto é reportagem um acidente de viação sem consequências graves como a recente tragédia nos incêndios de 16 de junho e isto, para mim, é válido quer seja gravado para ser emitido posteriormente, quer seja em directo. Nesta lógica, discordo que a reportagem seja menos praticada nos dias que correm. Pelo contrário.”

Ana Luísa Galvão toca na questão dos canais por cabo, como a SIC Notícias, que vieram obrigar a que a construção de conteúdos jornalísticos fosse ininterrupta, para cobrir as 24h diárias de transmissão de noticiários.

Nesta perspetiva, é lógico que as reportagens tiveram de crescer em número para fazer frente às necessidades da antena, mas esse aumento foi efetivamente de reportagens? Ou as peças jornalísticas aumentaram no geral e a reportagem continua a ser o género onde menos se investe?

Para André Antunes, coordenador do PJ e também outrora repórter, importa fazer uma efetiva demarcação do que é ser-se repórter:

“Para mim, ser repórter é diferente de ser jornalista. Posso ser um excelente jornalista, que recebe aqui imagens e informações rigorosas da china...mas o repórter está lá. Cheira, toca, fala com pessoas...consegue ter uma percepção diferente de uma pessoa que está sentada numa redação e, que por muito bem preparada que esteja, por muito bem que faça o seu trabalho de contextualizar as coisas, de olhar muito bem para as imagens ... a experiência nunca é a mesma. (...) Portanto, é diferente quando chegas a um sítio e vês com os teus olhos...dá-te uma capacidade de descrever e sentir. Para mim, reportar é uma disciplina diferente do que fazer umas simples peça. Reportar é uma experiência que o jornalista tem de transmitir aos espectadores. Antigamente havia o redator e o repórter e acaba por ser um pouco assim. Não é que eu faça a distinção porque todos acabam por ir para o terreno, de uma maneira ou de outra, mas há uma diferença clara, hoje em dia, entre fazer peças ou fazer reportagem.”

Desta feita, para o coordenador fazer peças não é o mesmo que fazer reportagens, mesmo que ambas impliquem uma ida ao terreno. A diferença reside na forma como os factos são transmitidos, como a experiência foi vivenciada por parte do repórter.

Reportagem acaba assim por ser sinónimo de qualidade jornalística, pois implica uma maior mobilização de meios. Por consequência os custos serão maiores.

Este ponto leva-nos às questões económicas que podem afetar a realização de reportagens.

André Antunes tem um cargo na estação televisiva que o obriga diariamente a fazer uma gestão de meios e de pessoas para a realização do PJ. Apesar de reconhecer que fazer reportagem é a coisa mais cara na informação, reconhece também que nunca sentiu pressão por parte da direção para que deixasse de fazer reportagens a pensar nos custos que essas implicariam. Reconhece que se assim fosse “seria de loucos”. Mas reconhece que os custos que as reportagens implicam são imensos:

“Há muitos gastos envolvidos. Gasta-se combustível, portagens, tens de ter um câmara para ir contigo, que muitas vezes são freelancers e são contratados à parte. Se for uma reportagem que envolva um direto em condições mais difíceis é preciso um carro de exteriores, que por sua vez leva mais duas pessoas, mais refeições...isso tudo somado ao final do ano são milhões de euros. Felizmente, nós na Sic não sentimos essa pressão. Não existe a proibição de fazermos reportagens...era de loucos se assim fosse. Isso não existe.”

Contudo, André Antunes identifica um factor que vem levantar novas questões: “Tem é acontecido uma coisa nas redações: as redações estando cada vez mais pobres na qualidade dos jornalistas, faz com que se saia menos em reportagem.”

Na sua opinião, há um novo elemento a considerar no que á justificação da diminuição de reportagens diz respeito. Para além da “pobreza” a nível da económica, há a pobreza a nível dos recursos humanos.

Tendo em conta a opinião de André Antunes, importa sublinhar que nunca existiram tantos jovens com elevada formação académica, com licenciaturas e mestrados, como nos dias de hoje. Daí levanta-se a questão: a que tipo de “pobreza de recursos humanos” se refere o coordenador do PJ da SIC? A “pobreza de experiência”, diz-nos o próprio.

Numa estratégia de poupança e de redução de custos, as estações televisivas têm optado por contratar profissionais com menos experiência por um baixo preço de mercado, e

essa opção tem resultados diretos na qualidade dos conteúdos apresentados, assim como na própria realização de reportagens, conforme nos afirma Antunes:

“Por exemplo, chega-me uma história boa à redação, eu olho para a minha equipa e penso “hoje não tenho ninguém com “unhas” suficientes para agarrar esta história”, ou então, “quem fazia muito bem este direto era A,B OU C e hoje não está cá nenhum deles...mais vale fazermos isto noutro dia”. Isto é algo que me influencia, que influencia a qualidade da minha equipa na redação, isto influencia as minhas decisões. Tem havido um pouco essa cultura, que é uma cultura que vem de cima, contratar pessoas baratas para fazer “coisinhas”. Esse é um caminho que tem sido feito aqui, na TVI e na RTP, em todo o lado.”

Porém, importa salientar que para os jovens obterem experiência e se tornarem *matéria rica* têm de ter oportunidades por parte do setor, que os permitam crescer dentro da instituição, mas tal não acontece. Os jovens jornalistas acabam por pertencer a um dos grupos onde o desemprego mais prevalece, e muito por falta de oportunidades.

São vários os motivos que levam a uma diminuição das reportagens em televisão, desde os custos que as mesmas implicam, até ao novo modelo de digitalização da redação. E, apesar de nem todos os jornalistas concordarem com este ponto, todos os profissionais questionados souberam reconhecer que os “jornalistas de secretária” são uma constante e que a reportagem enquanto género nobre acaba por sair afetada e reduzida.

IV.6 – Os problemas de uma redação

Aceleração do ritmo de trabalho, acumulação de funções, exaustão e stress ao final do dia, inexistência de um horário fixo...são muitos os problemas que reinam hoje numa redação de um jornal, algo que é transversal a qualquer meio informativo.

Apesar de estes problemas não serem exclusivamente da atualidade, a verdade é que nos primórdios do jornalismo, a maioria das dificuldades assinaladas não tinham dimensão.

José Gomes Ferreira, subdiretor de informação da SIC e jornalista no canal desde 1992, reconheceu, numa entrevista que me conferiu, que o sistema informativo como o conhecemos nos dias de hoje, muito pouco têm em comum com os primórdios do jornalismo:

“Mudou mesmo muita coisa. (...) Havia tempo para fazer, e conseguíamos fazer as coisas com pormenor, detalhe e estética. Podíamos trabalhar numa peça durante 3 dias. (...) O modelo do

setor empresarial também mudou muito. Ao mesmo tempo que fomos evoluindo, as escolas passaram a formar milhares de jornalistas. Resultado: muita oferta no mercado e pouca capacidade de absorção. Quando eu comecei éramos dois mil jornalistas e agora somos 11 mil, por aí. Houve um inflacionar de mão de obra e um diminuir do pagamento às pessoas. É assim que funciona. Por outro lado as empresas passaram por um processo de pulverização de públicos. Com o aparecimento da internet, o público foi para lá, os próprios jornais continuam a perder.”

Diminuição de receitas levam a despedimentos de profissionais experientes, logo mais caros, para a seguir procederem à contratação de mão de obra barata.

Os jornalistas veem-se assim com mais trabalho em mãos, com mais funções atribuídas. Com a proliferação da internet, surgiram novas plataformas para difundir notícias e os canais informativos não quiseram ficar longe dessa tendência. Assim, os jornalistas tiveram o trabalho em dobro: para além de produzirem os conteúdos habituais, tiveram ainda que fazer o mesmo trabalho aplicado às novas tecnologias.

Enquanto estagiária, pude observar as dificuldades que os jornalistas passam e pude mesmo senti-las.

Não era fácil conseguir um jornalista que tivesse tempo para acompanhar o meu trabalho. Vive-se num constante frenesim dentro de uma redação. O jornalismo vive de *timings* e o jornalista não os pode falhar, sob o risco de ver o seu trabalho de horas ser colocado de parte por não ter entrado no minuto certo.

Outro dos problemas das televisões, enumerados pelo subdiretor de informação da SIC é o da proliferação de públicos e da migração dos jovens para a Web, deixando de assistir televisão. Mas não este não é ponto único:

“Aparecem jovens que já nem sequer veem televisão. A solidez e estrutura financeira e capacidade de captação de receitas das empresas fragilizou-se. Os públicos foram para outros lados e nos outros lados a publicidade já não é paga nos mesmo valores. O bolo total diminuiu. O nível salarial foi baixando e os profissionais mais experientes foram deixando as redações, indo para outros projetos. O resultado, é qualidade média geral das redações diminuída. Entretanto tinham aparecido os canais de cabo, e tivemos de ir a muitas coisas para ter notícias no cabo. Coisas que antes filtrávamos e não íamos. Precisamos de mais conteúdos, de muitas mais equipas no terreno. Passamos a ter de fazer mais coisas com menos tempo, menos gente e menos capacidade de trabalhar do ponto de vista estético, sem aprofundar.”

Para Ana Luísa Galvão as maiores mudanças que sentiu vieram da ingressão nos canais por cabo e na internet, que obrigam a um ritmo de trabalho muito acelerado:

“Mudou na SIC o que mudou no panorama audiovisual a nível nacional e internacional. A existência dos canais de notícias e o online obrigam a uma capacidade de resposta cada vez maior, com esforços acrescidos para manter os níveis de qualidade no trabalho. Hoje em dia a necessidade de canalizar informações para os coordenadores e/ou editores é quase permanente para que possamos ter em antena os dados mais relevantes actualizados sempre que se justifique. É completamente diferente trabalhar para um canal que tinha 3 jornais por dia (em 1992) quando agora, no fundo, temos de produzir 26 horas de informação por dia (as 24h da SIC Notícias e os 2 principais noticiários da SIC generalista, com 1h ou mais de tempo útil)”.

Ainda acerca das dificuldades atuais do jornalismo televisivo, Felisbela Lopes defende que esta conjuntura é fruto de um caminho que tem sido traçado ao longo do tempo e levanta algumas questões pertinentes:

“A informação televisiva vê-se perante o desafio de renovar os seus códigos de enunciação televisiva. Nos últimos anos, optou-se pelo caminho mais fácil. E mais perigoso. Rasgaram-se limites da intimidade, promoveu-se o *voyerismo*, criaram-se *pseudonotícias* e instalou-se uma espécie de “jornalismo de causas”, subserviente face às leis do mercado, perdendo de vista o *bem comum*. Se hoje se insiste em manter o jornalismo televisivo como um campo social autónomo, de que práticas e de que valores se pode falar? Será que ainda faz sentido haver redações com profissionais de jornalismo?(...) Será que não nos fará falta uma informação que seja simultaneamente de interesse do público, mas também de interesse público? Se as respostas parecem óbvias, não terão sido paradoxais as opções que os responsáveis pela programação dos canais generalistas tomaram entre 1993 e 2005, principalmente nos primeiros anos do século XXI?” (Lopes, 2007:322).

Em constante mutação e obrigado a adaptar-se a novos tempos, o jornalismo vive dias difíceis mas a sua sobrevivência não pode ser posta em causa, não fosse ele uma das garantias do bom funcionamento das democracias.

IV. 7 - O futuro da Reportagem: as novas tecnologias a seu favor

Se para muitos as tecnologias vieram imprimir um novo ritmo de trabalho mais acelerado na produção noticiosa, acompanhada de uma conotação negativa, para outros tantos há todo um novo paradigma a explorar para dele retirar o melhor proveito.

Se no início da televisão esta era uma pesada máquina burocrática, agora, com a transformação tecnológica dos últimos anos, agilizou-se muito mais a capacidade de trabalho e a forma de colocar no ar a informação em tempo real ou praticamente imediato.

Se a internet veio trazer uma nova forma de fazer jornalismo, também a reportagem teve de sair beneficiada destas novas potencialidades. José Gomes Ferreira não tem dúvidas dos benefícios que as novas tecnologias trouxeram:

“A internet veio trazer uma nova maneira de trabalhar a reportagem. Existem duas realidades acerca da reportagem na internet: Primeiro, permite completar com bons grafismos, com boas infografias e explicar a reportagem, complementando-a; Segundo, é um meio de disponibilizar às pessoas reportagens que algumas pessoas não têm tempo de ver ou já não querem ver na televisão linear. A internet permite um acesso permanente aos melhores conteúdos que temos. É um meio que potencia e complementa. Permite correlacionar matérias através de Links e integrar tudo. Portanto, integrou, complementou, não substituiu e por isso não deu cabo da reportagem. Potenciou-a.”

Mas se é verdade que a internet conseguiu desenvolver e fazer crescer algumas das potencialidades da reportagem, não será também possível que a essência da reportagem se venha a perder nos meandros da *web*? Não estarão em risco os alicerces da reportagem?

Adelino Gomes é um dos autores que questiona a validade da relação entre a *web* e o jornalismo: “A internet, em muitos sentidos, está a contribuir para abafar o jornalismo que aposta no interesse público e, em vez de criar maior diversidade de olhares, o conteúdo informativo online apresenta-se em grande parte homogéneo.” (Gomes, 2012: 359).

Este olhar crítico não é prenúncio do fim dos meios ditos tradicionais. Por várias vezes, ao longo da nossa história, a morte de vários meios de comunicação foi anunciada, como a rádio ou os jornais em papel, e o tempo veio mostrar a sua reconfiguração. Pensar que a televisão não faz parte do futuro pode ser errado e redutor, conforme nos diz Felisbela Lopes, na sua obra *A Tv das Elites*:

“Apresentando complexas limitações, a televisão tem também reconhecidas potencialidades. Poderá não ser o melhor meio para conhecer a realidade, mas será aquele através do qual um número significativo de pessoas acede ao que se passa. (...) Poderá não ser o meio mais

permeável a todo o tipo de acontecimentos, mas será aqueles com mais poder estruturante, assumindo-se como uma espécie de arena coletiva onde se partilha um mundo comum ou aquilo que, a partir dessa visibilidade mediática passa a integrar o espaço público contemporâneo” (Lopes, 2007:19).

A reportagem exige sempre um repórter culto, com sensibilidade e com formação na área, sendo que se o trabalho se destinar ao meio online, deverá estar preparado para as suas especificidades técnicas.

Conclusão

Ao longo dos seis meses de estágio na redação da SIC, tive o privilégio de observar de perto o trabalho de vários jornalistas e repórteres - quer na redação, quer no terreno - e tive a oportunidade de aprender com eles. Sobretudo, pude colocar em prática tudo aquilo que me foi transmitido. Toda esta experiência permitiu-me retirar determinadas conclusões.

Como é confirmado através do estado da arte, a Reportagem é, de facto, considerada um género de estatuto superior no jornalismo por todas as componentes que agrega, porém, levantam-se algumas preocupações acerca do futuro da mesma. E, mais do que o futuro, interessa o próprio presente, onde a Reportagem enfrenta entraves à sua realização.

Os desafios atuais do jornalismo são transversais a qualquer género e meio, mas tendo a Reportagem a necessidade de um maior investimento, tende a ficar fora da grelha diária dos telejornais e programas informativos.

Conforme foi dito por alguns dos jornalistas e editores, em entrevista, existiu de facto um corte na periodicidade fixa que o formato *Grande Reportagem* tinha na SIC e muito se deveu a fatores económicos. Sendo um género que acarreta uma grande mobilização de meios, técnicos e humanos, houve por parte da direção do canal diretrizes para se proceder à redução de periodicidade da mesma.

Esta maneira de pensar a reportagem é perceptível na organização das redações. Quando se pensa em Grande Reportagem, imaginamos jornalistas a fazer trabalho de campo, com longas semanas de investigação, com várias fontes, com vários ângulos de análise de um determinado assunto e, hoje em dia, são raras as reportagens que correspondem a estas imagens mentais.

Na redação da SIC, apesar do esforço de alguns coordenadores em mandar os jornalistas para o terreno, havia sempre muitas peças que eram feitas exclusivamente com recurso a imagens de arquivo e informações retiradas da internet. Rapidez, poupança de recursos e alguma inércia seriam as justificações.

Perdeu-se assim, nos moldes em que o conhecíamos, um dos programas informativos mais importantes do canal e da televisão portuguesa.

Contudo, a reportagem continua a ser feita mas em formatos diferentes, num aproveitamento dos novos recursos virtuais.

O jornalismo atravessa dificuldades resultantes dos novos paradigmas do mercado e tende a demorar a encontrar um rumo, mas a própria história do jornalismo acaba por nos mostrar que ela própria é cíclica e que já existiram vários pontos de aparente rutura que levaram ao desenvolvimento de novas formas de trabalhar.

Os jornalistas da redação da SIC, nas entrevistas que concederam para realização deste relatório, não se mostraram negativos em relação ao futuro da televisão, concordando que, de facto, a televisão já não tem os meios financeiros que tinha no passado mas que consegue manter um canal informativo de 24h a funcionar, com informação constante e alguma dela em formato de reportagem.

Durante estes seis meses de estágio tive a oportunidade de vivenciar o trabalho de uma grande redação, de trabalhar diretamente com grandes nomes do jornalismo nacional e aprender com eles, tornando-se numa experiência muito gratificante.

Tive a possibilidade de sair para o exterior praticamente todos os dias em que estive na secção do Primeiro Jornal, fazer peças jornalísticas sobre os mais variados temas e vê-las transmitidas em plena antena nacional. Foi muito enriquecedor, fez-me apurar determinadas capacidades e crescer enquanto aspirante a jornalista. Dei o meu contributo ao canal e sinto que fui retribuída através da experiência que ganhei.

Desta forma, o balanço só poderia ser positivo, mesmo reconhecendo que há alguns pontos a melhorar na redação da SIC, enquanto local de formação. O apoio aos estagiários deveria ser mais personalizado, com alguém que nos acompanhasse durante todo o percurso. Os estagiários são parte fundamental da redação porque muito do trabalho transmitido é realizado por eles, e uma das frases que ouvi muitas vezes, quer por partes de jornalistas, quer de repórteres de imagem, é que se a SIC ficasse sem estagiários, a redação parava. Desta forma, deveria haver um apoio e formação constantes, que permitissem ao jovem estudante adaptar-se rapidamente aos desafios propostos diariamente. Apesar de algumas dificuldades que fui enfrentando, consegui sempre ultrapassá-las dando o meu melhor e o resultado foram cerca de 50 peças transmitidas pelo canal.

Bibliografia

ALBARELLO, Luc et al. (eds) (1997) *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

ALMEIDA, João Ferreira; Pinto, José Madureira (eds.) (1995) *A investigação nas ciências sociais*. Lisboa: Editorial Presença, pp. 85-105.

BAUER, Martin; Gaskell, George (eds.) (2000) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som..* Petrópolis: Editora Vozes, pp.65.

BURGESS, Robert (1997) *A pesquisa de Terreno*. Oeiras: Celta editora.

CUNHA, Albertino (1990) *Telejornalismo*. São Paulo: Editora Atlas.

GRADIM, Anabela (2000) *Manual de jornalismo*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

GODINHO, Jacinto – Genealogias da Reportagem: do conceito de reportagem ao caso da Grande Reportagem, programa da RTP (1981-1984). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2004. Tese de Doutoramento.

GOMES, Adelino (2012) *Nos bastidores dos telejornais – RTP1, SIC e TVI*. Lisboa: Tinta da china.

LOPES, Felisbela (2007) *A TV das Elites*. Porto: Campo das Letras.

MESA, Yanes Mesa (2004) *Géneros periodísticos y géneros anexos*. Madrid: Editorial Fragua.

MOURA, Maria Lucia et al. (eds.) (1998) *Manual de elaboração de projetos de pesquisa*. Rio de Janeiro: EdUERJ, pp. 27.

NATTIEZ, Jean-Jacques (1996) *Problemas e métodos de semiologia*. Lisboa: Edições 70.

PÉREZ, Gabriel (2003) *Curso básico de periodismo audiovisual*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra.

PIEDRAHITA, Manuel (1993) *Jornalismo Moderno, história, perspectivas e tendências rumo ao ano 2000*. Madrid; Plátano Edições.

QUIVY, Raymond e Lucvan Campenhoudt (1992) Manual de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva, pp. 49-194.

SANTOS, Rogério. (2010) *Do jornalismo aos Media*. Lisboa: Universidade Católica Editora.

SODRÉ, Muniz e Ferrari, Maria Helena.(1986) *Técnica de reportagem – Notas sobre a Narrativa Jornalística*. 7 Ed. São Paulo: Summus.

TRAQUINA, Nelson (1997) *Big Show Media*. Lisboa: Notícias editorial.

WEBGRAFIA

Bourdieu, Pierre (1997) Sobre a televisão. Oeiras: Celta Editora, http://lcead.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/BOURDIEU_Pierre_Sobre_a_Televisao.pdf [consultado a 04 de outubro de 2017].

Documento online pertencente ao Grupo Impresa, disponível através do link: <http://binaries.cdn.impresa.pt/dealer/2097387/Historial+SIC+20143159739297477624869.pdf> [consultado a 05 de setembro de 2017].

Silva, Cíntia; Baltazar, Glória (2013) A Grande Reportagem: Os desafios enfrentados pelos profissionais desde a ideia da pauta até a divulgação da matéria. Universidade Federal Juíz de Fora, <https://www.google.pt/search?q=monografia+a+grande+reportagem&oq=monografia+a+grande+reportagem&aqs=chrome..69i57.5186j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8> [consultado a 22 de outubro de 2017].

Site do Observatório de Imprensa: http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/ed801_onde_estao_os_reporteres/ [Consultado a 11/10/17].

ANEXOS

1. Entrevistas

Entrevista 1

Nome: José Gomes Ferreira

Cargo: Diretor-adjunto de informação da SIC

Na SIC: Desde 1992

Data da entrevista: 10/08/2017

O José está na SIC desde a formação do canal, certo?

Sim, estou com a SIC desde o início, sou uma espécie de sócio-fundador mas sem ações (risos). Tenho contrato assinado desde 1 de junho de 1992.

Fala-me um pouco do seu percurso no canal.

Fui convidado pelo Emídio Rangel que, na altura, estava a formar o canal. Ele conhecia-me por termos trabalhado juntos na rádio TSF. Fez-me o convite e eu aceitei rapidamente. Eu disse-lhe que não sabia fazer televisão e ele fez questão de dizer que íamos todos aprender. Foi motivador. Estive cá desde o primeiro momento. Tinha experiência na área da economia e também tinha feito o noticiário geral da TSF. Penso que ele me convidou pela minha polivalência. Vim e comecei a trabalhar na equipa de economia. Mais tarde, com a saída dos editores, fiquei eu como editor daquela secção. A nomeação para editor surgiu em 1998 e, na prática, mantenho-me como editor até hoje. Entretanto, passei também a subdiretor e com a chegada do Ricardo Costa à direção, foi-me feito o convite para ser diretor-adjunto e assim estou. Sou o número 2 da equipa, por assim dizer.

Um percurso que se funde com a história da SIC, portanto.

Sim, a SIC é uma empresa com um empresário dedicado exclusivamente a esta área. No início já tinha o Expresso, tinha tido outros jornais, e queria aproveitar a operação de liberalização da televisão, decidida pelo governo de Cavaco Silva, e arranjou um conjunto de financiadores que apoiaram e acreditaram neste projeto e conseguiu o capital necessário para lançar a SIC. O nome escolhido: SIC- *Sociedade Independente*

para a comunicação foi escolhido para isso mesmo, mostrar que seria a primeira independente, por oposição à do estado, a RTP. É factual que quem entrou para cá, vinha com um espírito diferente, tinha experiências diferentes. Embora tenha havido um *mixing* entre pessoas vindas da RTP e de outras redações, como é o meu caso, todos queríamos fazer diferente, mais e melhor, de forma mais agerrida e mesmo aprender a fazer televisão.

E como é que se convence profissionais que estavam na RTP a vir para um projeto novo?

-Eles próprios sabiam que o que faziam na RTP podia ser melhor explorado neste novo projeto. Convém também dizer, desde já, que os convites aos trabalhadores da RTP foram feitos com propostas de salário acima do mercado...isso por si só não é motivo suficiente mas as propostas de salário foram altas. Os trabalhadores da RTP vinham de uma estrutura muito cristalizada e tiveram uma nova oportunidade de mostrarem o seu potencial. Uma mistura de gente mais velha com experiência e gente nova, com muita vontade de trabalhar e com boa formação. Criou-se uma equipa que ousou inovar, rasgar padrões e convenções e fazer televisão de forma diferente. Isto pode-se traduzir numa frase: *Com a SIC o povo chegou à televisão*. Apesar da RTP ter mudado com o 25 de abril, a empresa mantinha-se muito institucional, com as histórias sobre as pessoas a virem só lá no final, e nós entendemos que as pessoas eram o foco principal. Da base para o topo, para depois questionarmos as instituições. Começamos por ser o primeiro canal privado que pôs o povo na televisão. Refletíamos a voz, as preocupações e as questões do povo para depois irmos bater à porta das instituições. Isso aconteceu no jornalismo político, económico, na sociedade, aconteceu em todas as áreas temáticas do jornalismo.

Era algo que já tinham traçado previamente como um dos ideais da estação?

Todos tinham essa intenção, com o Emídio Rangel a encabeçar essa estratégia. Infelizmente, já morreu mas a obra cá fica. Havia também a vontade acionista do Doutor Francisco Pinto Balsemão, de preservar a independência da instituição, dar os meios e protegê-la. Isto não foi fácil porque as instituições não gostaram, os ministérios

não gostaram, os governos não gostaram, os tribunais não gostaram, os polícias não gostaram, a igreja não gostou de certas coisas.

Os jornalistas no terreno sentiam essa hostilidade?

Havia muita estranheza e admiração. Nas conferências de imprensa as primeiras perguntas eram sempre nossas, sempre com fundamento, e isso levou-nos a questionar realidades em que ninguém tocava. No meu caso, quando se fala muito na televisão de economia, taxas de juro, spreads, penso que fui pioneiro. O Professor Medina Carreira chegou à televisão comigo, a colocá-lo em peças para mostrar ao país os seus pensamentos. É um dos exemplos.

Quando a SIC Notícias começou a emitir, em 2001, começamos a colocar no ar essas pessoas que se tornaram líderes de opinião. Portanto, as finanças, a economia, as políticas monetárias entraram para a televisão através deste percurso, através da SIC como canal aberto, dedicado a levar a mensagem aos portugueses, primeiramente em canal aberto e depois também com canal pago, com a SIC notícias, onde aprofundamos mais as temáticas. Enriqueceu o país e hoje não há quem não discuta spreads, taxas de juro, o défice, o comportamento dos bancos, a dívida. Aumentou a cultura geral e financeira.

Depois apareceu a TVI, que também fez um bom trabalho, assim como a atual RTP. A concorrência, em geral, faz um bom trabalho, dando-nos luta.

Esta tendência de trazer o povo para a televisão surgiu através de vários programas, questionando os poderes e dando uma noção de como tudo funcionava.

A SIC é assim mais do que um canal. É uma instituição, no sentido em que as pessoas passam e a instituição fica. Esse é o maior legado e que continua a perdurar. Outros canais seguiram as nossas pisadas mas a SIC marcou o compasso nestes 25 anos.

Estando o José na SIC desde os primórdios do canal, o que é que acha que mudou na produção noticiosa desde então?

Mudou mesmo muita coisa. Eu lembro-me de um dia em que saí em reportagem e fui a 3 sítios diferentes e cheguei ao final do dia para colocar no ar uma peça. Havia tempo para fazer, e conseguíamos fazer as coisas com tempo, com pormenor, detalhe e estética. Podíamos trabalhar numa peça durante três dias.

Depois de desafiar os poderes, eles próprios acharam que deviam ser eles a colocar no ar alguma informação. Por um lado, desenvolveu-se um jornalismo de *guerrilha*. Passou a questionar-se tudo. Então, os poderes acharam que a comunicação devia ser feita por eles, para evitar que nós fossemos questionar as suas decisões. Éramos implacáveis. Passaram a contratar agências para tentarem controlar a informação que saía.

Eles tentavam controlar e nós tentávamos contornar essa tendência. Foram dois processos que evoluíram ao mesmo tempo. Isto evoluiu de tal maneira que, hoje em dia, as instituições até vídeo produzem, como os clubes de futebol que nos enviam os próprios conteúdos. Isto também teve um efeito positivo na medida em que as instituições comunicam e colocam alguém a falar por eles, gerando uma abertura.

O modelo do setor empresarial também mudou muito. Ao mesmo tempo que fomos evoluindo, as escolas passaram a formar milhares de jornalistas. Resultado: muita oferta no mercado e pouca capacidade de absorção. Quando eu comecei éramos dois mil jornalistas e agora somos onze mil, por aí. Houve um inflacionar de mão de obra e um diminuir do pagamento às pessoas. É assim que funciona. Por outro lado as empresas passaram por um processo de pulverização de públicos. Com o aparecimento da internet, o público foi para lá, os próprios jornais continuam a perder.

Mas o público não pode assistir TV e ao mesmo tempo internet? Não podem ser “clientes” dos dois mundos?

Em parte sim mas não compensa. Aparecem jovens que já nem sequer vêem televisão. A solidez, a estrutura financeira e a capacidade de captação de receitas das empresas fragilizou-se. Os públicos foram para outros lados e nos outros lados a publicidade já não é paga nos mesmos valores. O bolo total diminuiu. O nível salarial foi baixando e os profissionais mais experientes foram deixando as redações, indo para outros projetos. O resultado, é qualidade média geral das redações diminuída. Entretanto tinham aparecido os canais de cabo e tivemos de ir a muitas coisas para ter notícias no cabo. Coisas que antes filtrávamos e não íamos. Precisamos de mais conteúdos, de muitas mais equipas no terreno. Passamos a ter de fazer mais coisas com menos tempo, menos gente e menos capacidade de trabalhar do ponto de vista estético, sem aprofundar. Depois apareceram os sites, como o da Sic Notícias, em 2001, e tivemos que fazer

muito mais coisas. É evidente que entrou mais gente mas não foi uma entrada proporcional às necessidades.

Todos estes movimentos levaram a que tenha havido uma alteração na profundidade e qualidade dos conteúdos oferecidos aos espectadores e internautas, no mercado em geral.

Na SIC fizemos um enorme esforço para contrariar isso. A casa não tem estrutura que permita pagar tanto como se pagava, temos mais canais e temos uma escola permanente de formação, que acolhe gente que vem das escolas fazer estágios, que tentamos integrar, tentamos inculcar conhecimentos e formar da melhor maneira possível. Tentamos assim fazer frente às adversidades do setor e as boas audiências da informação são a prova disso. Quando a informação entra em cena, normalmente o share sobe. Não estamos em competição cá dentro mas acontece.

Falando agora na Reportagem, tema do meu estudo, começo por confrontá-lo com uma das ideias que enquanto estudante de jornalismo mais ouço da parte dos professores e teóricos: “Cada vez se faz menos reportagem.”

Isso não é verdade. Os Professores devem olhar para as segundas partes dos jornais da SIC, para as rubricas que temos e logo verão essa teoria ser contrariada. Há casas que não fazem, há milhares de sites que não têm a capacidade de o fazer mas os principais jornais fazem. Um DN, um expresso, têm reportagem.

A SIC tinha uma grande tradição de grande reportagem...

E continua a ter. Está no ar.

Mas sem aquela periodicidade habitual.

Em compensação temos outros produtos que fazem esse mesmo papel. Nós mantemos a mesma estrutura e o mesmo quadro de pessoal e não podemos ter 20 pessoas dedicadas à Grande Reportagem. Temos duas, três ou quatro, dependendo do caso. Mas temos muito mais gente a fazer outro tipo de reportagens. Só num sentido muito restrito é que se pode dizer que há menos reportagem. Há mais. Temos rubricas como a Grande Reportagem que continua a ser feita, só que não tem de ser feita religiosamente todas as semanas, nem precisa de ser. Semanalmente, temos várias reportagens especiais que são um pouco mais pequenas mas que são igualmente reportagens. Entre estes moldes temos entre duas a três por semana. Não é verdade que façamos menos Reportagem. É

uma ideia errada. Essa é uma ideia formada apenas a olhar para a Grande Reportagem. Pode não ir uma para o ar numa determinada semana mas vai uma grande entrevista, uma reportagem especial no fim-de-semana, por exemplo.

A ideia é que muitas vezes o jornalista nem sequer sai da secretária, da redação, e recebe os conteúdos no computador.

Isso não é verdade, até porque a televisão não se pode fazer assim. Nos jornais e *sites* pode acontecer mas aqui não. Não podemos deixar de ter o nosso próprio vídeo, senão fechamos. Para além dos formatos que já referi, temos o *Perdidos e Achados*, temos o *Futuro Hoje*, temos o *Contas-Poupança*...O que é isso senão formas de reportagem alargada?! Não posso prescrever essa ideia que, de todo, não é verdade.

O que é o *Contas-Poupança*? Uma reportagem acerca dos interesses dos consumidores, em confronto com as empresas que lhes deviam prestar um bom serviço e não prestam, questionando os reguladores e o governo.

Essa ideia que vos é passada é um mito.

O que é um direto senão uma reportagem. Jornalistas constantemente em direto dos locais de incêndio a fazer reportagem, e da mais nobre que pode haver, mostrando as condições em que as pessoas estão.

Os jornalistas propõem reportagens? Não lhes são negadas?

Sim, propõem. Uns mais pró-ativos do que outros, como em tudo na vida, mas propõem eles e as chefias também. Há muita bidirecionalidade, de baixo para cima ou de um lado para o outro, por assim dizer, de jornalistas que propõem e nós que, regra geral, aceitamos e enquadramos o que será melhor fazer. Damos as chamadas *guide lines*. A direção, os coordenadores, os repórteres de imagem e editores também propõem.

A internet veio trazer uma nova maneira de trabalhar a reportagem?

Existem duas realidades acerca da reportagem na internet: primeiro, permite completar com bons grafismos, com boas infografias e explicar a reportagem, complementando-a;

Segundo, é um meio de disponibilizar às pessoas reportagens que algumas não têm tempo de ver ou já não querem ver na televisão linear. A internet permite um acesso permanente aos melhores conteúdos que temos.

É uma aposta constante?

Sim, porque é um meio que potencia e complementa. Permite correlacionar matérias através de *links* e integrar tudo. Portanto, integrou, complementou, não substituiu e por isso não deu cabo da reportagem. Potenciou-a.

Entrevista 2

Nome: André Antunes

Cargo: Coordenador do Primeiro Jornal da SIC

Na SIC: Desde 2001

Data da entrevista: 09/08/2017

André, fala-me um pouco do teu percurso na SIC.

Entrei na sic em 2011. Tinha acabado a licenciatura em Comunicação Social e decidi tirar mais um curso técnico-profissional de um ano, no CENJOR, e vim estagiar para a SIC nesse verão. O estágio correu bem e no final, em setembro, ofereceram-me um contrato, onde estou até hoje.

Passei por várias equipas. Comecei pelo *Manhã 1* na SIC Notícias, onde era produtor editorial. Tratava de coisas mais formais, títulos e afins. Depois passei a fazer peças e integrei a equipa, que era muito maior na altura, do que é agora...éramos doze. Entretanto fui progredindo e passei para a equipa do Primeiro Jornal, depois Sociedade, depois Jornal da Noite e, por fim, cheguei à coordenação.

Como se deu essa passagem para a coordenação?

Na altura, a SIC teve uma auditoria onde se fizeram alterações na forma de estarmos organizados e também fizeram alterações nos conteúdos. Criou-se uma equipa especial, chamada *output* que veio dar origem àqueles que são hoje os *line producers*, que, para além de tratarem da parte mais formal do noticiário, também faziam umas reportagens especiais. Essas reportagens procuravam fazer um trabalho mais aprofundado sobre determinado tema, por exemplo: se o preço do petróleo subia, essa equipa preocupava-se em fazer uma contextualização acerca da temática, tentavam encontrar respostas para o que estava a acontecer. Era um trabalho super interessante e desafiante. Fui convidado pelo Rodrigo Guedes de Carvalho e foi também nessa altura que me aproximei muito da coordenação dos jornais. O *line producer* tinha uma tarefa um pouco diferente daquela que tem hoje, era o braço direito do coordenador do jornal.

Eu interiorizei muito esse conceito e tentei ser sempre um subcoordenador de jornal e aprendi imenso sobre a tarefa. Quando apareceu a primeira oportunidade fui para editor executivo da informação.

Disseste que fazer a contextualização das notícias era importante. Isso é algo que tem mudado com os tempos?

Sim, tem mudado forçosamente.

Isto foi em 2006, foi há 10 anos. Na altura a concorrência não era tão grande, a velocidade era mais lenta, as redes sociais acabam por se tornar numa espécie de concorrente..isto acelerou tudo imenso. Por outro lado, as televisões têm muito menos dinheiro do que tinham na altura. O mercado mudou um bocado.

O que eu quero dizer é que a concorrência aumentou, a velocidade de produção e proliferação notícias também aumentou e as redações estão mais pobres.

Mais pobres a nível de qualidade dos jornalistas?

Sim. Há menos dinheiro para contratar. Quando se contrata, faz-se pelo preço mais baixo, portanto contrata-se necessariamente um jornalista pior e isto tem consequências na qualidade do trabalho.

Notas então que, de há dez anos para cá, vem-se notando uma rutura no jornalismo?

Eu acho que não é só nos últimos dez anos. Acho que tem sido um percurso descendente. Tive o azar de entrar para a SIC quando começou a época das *vacas magras*. Quando a SIC começou, em 92, era tudo novo, era tudo diferente, havia dinheiro.

Eram pessoas que vinham de outros canais...

Exato, e, na altura, os jornalistas diziam o valor que queriam ganhar, porque realmente havia dinheiro. Havia condições de mercado, não havia tanta concorrência e estabeleceram-se salários altos. Não é que fossem desproporcionados, eram justos para aquilo que as pessoas valiam, e valem, e para aquilo que dão a ganhar, porque dão a ganhar muito dinheiro à SIC.

Hoje em dia a televisão gera menos dinheiro e aquilo que se nota é que todos os anos isto tem vindo a decair sempre mais um bocadinho. Não houve um período de rutura. Obviamente existiram crises, a de 2008, por exemplo, e afetam tudo. Quando há uma crise na banca, afeta tudo. Esta deixa de ter dinheiro para emprestar às empresas e, neste caso, às televisões. É tudo sistémico e tem vindo a cair gradualmente e nota-se. Nota-se nas audiências e nas receitas publicitárias. Basta vermos os relatórios e contas, não só da SIC, como das outras televisões todas. É uma tendência geral. Não quer dizer que se tenha perdido dinheiro, porque o negócio da publicidade ainda é bom. Continuamos a ter intervalos de 12 minutos cheios de publicidade, os nossos targets continuam a ser bons, e, felizmente os anunciantes continuam a fazer uma coisa que é boa para nós, e para o negócio em geral, que é continuar a apostar na televisão para chegar às pessoas que lhes interessam, ou seja, não vão para internet e facebook, vão para a televisão. Querem vender um carro? Vão para a televisão. Querem publicitar um festival? Vão para a televisão. Uma marca ou anúncio de telemóvel? Vão para a televisão. Felizmente, isso ainda acontece.

Enquanto aluna de Mestrado em Jornalismo, ouço muitas vezes que a reportagem, sendo o meio mais nobre de todo o jornalismo, tem vindo a diminuir. Para ti, o que é que consideras reportagem? O que a diferencia de uma outra peça?

É difícil de explicar. Para mim, reportar é chegar a um sítio e contar de lá, contar o que eu estou a ver, o que é que os olhos de um jornalista vêem.

Implica uma ida ao terreno, é isso?

Para mim, ser repórter é diferente de ser jornalista. Posso ser um excelente jornalista, que recebe aqui imagens e informações rigorosas da China...mas o repórter está lá. Cheira, toca, fala com pessoas, consegue ter uma percepção diferente de uma pessoa que está sentada numa reação e, que por muito bem preparada que esteja, por muito bem que faça o seu trabalho de contextualizar as coisas, de olhar muito bem para as imagens, a experiência nunca é a mesma.

Quando foram os incêndios de Pedrogão, nós fomos fazer lá jornais e houve uma coisa curiosa...voltamos lá um mês depois e levamos colegas nossos que não tinham lá estado da primeira vez que fizemos a emissão e que não viram com os mesmos olhos que nós, nós - aqueles que lá estivemos logo após o incêndio -, aquilo que lá se tinha passado, porque só viram pela televisão, só viram pelas peças dos colegas e quando lá

chegaram, um mês depois, quando aquilo estava já muito diferente, diziam que de facto aquilo teria sido esmagador.

Portanto, é diferente quando chegas a um sítio e vês com os teus olhos. Dá-te uma capacidade de descrever e sentir.

Para mim, reportar é uma disciplina diferente do que fazer umas simples peça. Reportar é uma experiência que o jornalista tem de transmitir aos espectadores.

Antigamente havia o redator e o repórter e acaba por ser um pouco assim. Não é que eu faça a distinção porque todos acabam por ir para o terreno, de uma maneira ou de outra, mas há uma diferença clara, hoje em dia, entre fazer peças ou fazer reportagem.

Achas que um coordenador pode ser um bom na sua tarefa sem ir para o terreno?

Acho que pode. Acontece. Mas é um coordenador muito mais pobre, sem dúvida alguma. Eu tive o privilégio de andar no terreno durante sete anos, e isso deu-me uma riqueza enorme. Em primeiro lugar, enriquece no sentido em que se conhece o país, conhece as realidade, sabe-se como é que o trabalho é feito no terreno e, assim, prevê e antecipa as dificuldades que os teus colegas têm no local. Isso faz-te tomar decisões melhores. Tens uma perceção do tempo, do ir e do voltar, do estar lá, uma perceção diferente de todo o processo de produção em televisão através dessa experiência. Isso dá-te muitas ferramentas.

Concordas que a Reportagem é o género menos praticado? Se sim, porque é que se fazem poucas reportagens?

O que é que tu queres dizer com Reportagem?

Estou a falar de ir para o terreno e reportar, em contraposição ao que nos é dito, de que a cultura jornalística atual é cada vez mais o de estar na secretária, receber a informação pelos feeds ou por outro meio online, e trabalhar essa notícia no computador, sem sair da redação.

Concordas?

Mais ou menos. Há uma questão que é: embora nós não sintamos essa pressão, fazer Reportagem é caro. É a coisa mais cara em televisão. O dinheiro conta, obviamente.

Mas em que sentido? Um jornalista estando na redação ou a ir para o terreno não ganha o mesmo?

Sim, mas há muitos outros gastos envolvidos. Gastas combustível, portagens, tens de ter um câmara para ir contigo, que muitas vezes são freelancers e são contratados à parte. Se for uma reportagem que envolva um direto em condições mais difíceis é preciso um carro de exteriores, que por sua vez leva mais duas pessoas, mais refeições...isso tudo somado, ao final do ano, são milhões de euros. Felizmente, nós na SIC não sentimos essa pressão. Não existe a proibição de fazermos reportagens. Era de loucos se assim fosse. Isso não existe.

Tem é acontecido uma coisa. As redações estando cada vez mais pobres na qualidade dos jornalistas, faz com que se saia menos em reportagem.

Ou seja, podes ter uma boa história em mãos mas vês que não tens nenhum bom jornalista disponível, essa reportagem acaba por não se fazer? É isso?

Certo. Por exemplo, chega-me uma história boa à redação, eu olho para a minha equipa e penso “hoje não tenho ninguém com unhas suficientes para agarrar esta história”, ou então, “quem fazia muito bem este direto era A,B ou C e hoje não está cá nenhum deles, mais vale fazermos isto noutra dia”. Isto é algo que te influencia, que influencia a qualidade da tua equipa na redação, isto influencia as tuas decisões. Tem havido um pouco essa cultura, que é uma cultura que vem de cima, de contratar pessoas baratas para fazer *coisinhas*. Esse é um caminho que tem sido feito aqui, na TVI e na RTP, em todo o lado. Sempre que podemos, mandamos as pessoas para o terreno. Tu, Marta, és estagiária da minha equipa e tens acompanhado isso. Sempre que posso, tento meter-vos na rua porque acho que é aí que vocês crescem. É na rua, não é cá dentro. Vocês só ficam na redação quando não há mesmo outra opção.

Mas enquanto coordenador do PJ, notas que a tipologia do teu jornal é diferente?

Eu tento fazer o máximo de reportagem que consigo.

Tens menos tempo que os outros jornais...

Eu tenho menos tempo mas enquanto coordenador tento ter o máximo de reportagem possível. Mas também é difícil incutir esse espírito nalguns jornalistas que se acomodam, que têm preguiça, preferem ir às imagens de arquivo e a notícia fica dada.

Está é dada de uma maneira mais pobre. Não é que não possa obrigar ninguém a ir para a rua mas tento que que o façam porque é na rua que a realidade está, não é cá dentro.

Os jornalistas propõem-te Reportagens?

Propõem sim. Dentro dos limites do razoável. Ninguém propõe coisas absurdas mas, genericamente, as propostas são todas feitas.

São ambiciosos nas sugestões?

Há perfis diferentes. Há pessoas que propõem muitas reportagens mesmo que não sejam para elas, são generosas, por assim dizer.

Achas que a diminuição do jornalismo de investigação, associado à Reportagem, põe em causa o futuro do próprio jornalismo?

Acho que sim. Absolutamente.

E é essa a tendência atual?

Eu acho que sim, acho que quando falavas na falta de reportagem, acho que há uma coisa que tem vindo a cair nos canais todos, que é o formato de Grande Reportagem.

A SIC tinha uma grande tradição nesse formato...

Todas as semanas tínhamos uma Grande Reportagem só que isso é realmente caríssimo de se fazer. Os meios que emprega são muitos, implica um jornalista destacado para aquilo durante um mês, pode implicar idas ao estrangeiro, muitas deslocações, e tem também implicações nas equipas. Implica um câmara fora das equipas durante 15 dias, no mínimo, um jornalista durante um mês, um editor durante duas semanas, mais a produção e toda a envolvência. Tem esse impacto na redação. E o custo-benefício disso? Eu acho que o caminho que temos seguido é errado. É a minha visão. Eu acho que devíamos continuar a apostar na Grande Reportagem, acho que é um formato nobre, acho que foi uma das grandes marcas que a SIC teve. Continuamos a fazer mas só quando se justifica. Também há um ponto que eu compreendo, que é o facto da SIC fazer 25 anos, e nestes anos todos a SIC fez milhares de Grandes Reportagens, nós já batemos quase as portas todas. Há temas novos que continuam a surgir mas já fizemos tanta coisa que é difícil não nos repetirmos. Chegamos a uma altura em que ainda

tínhamos as Grandes Reportagens semanais, em que eu notava que estávamos um pouco a banalizar o formato da Grande Reportagem, sobre temas que se calhar não o justificavam. Não houve essa disciplina de ver se se justificava ou não, e avaliar se não seria melhor fazer algo mais pequeno.

Esse foi um processo gradual ou houve realmente um corte?

- Houve um corte. Decidiu-se que só se faria Grande Reportagem quando se justificasse. Este formato é um exercício de investigação, é aprofundar um certo tema, é tentarmos **escavar** ao máximo.

E a essência do jornalismo é também essa.

Certo, é um formato que pode misturar vários estilos mas tem certamente sempre jornalismo de investigação. Acho que a investigação pura e dura, numa peça que se faça num ou dois dias, também tem vindo a decair. Isto é tudo uma consequência do emagrecimento e da falta de qualidade média das redações em Portugal. Há alguns formatos em que ainda se pode fazer isso, coisas semanais, como por exemplo a revista Sábado, Visão, o Expresso, agora nas coisas para o dia-a-dia, nós somos absolutamente triturados pelo rolo compressor. Parece que estamos num comboio a vapor e temos de estar sempre a meter carvão. Como tu já percebeste, isto não pode parar, mas como a qualidade média vai sendo mais baixa, não se consegue fazer isso. Ou então, como há notícias importantes do dia e tu não podes deixar de as fazer, se calhar pegas em jornalistas seniores, que eram excelentes para fazer uma peça de investigação, e tens de os puxar para assuntos mais banais. Isto acontece-me todos os dias, e tenho de fazer escolhas algo complicadas.

Como coordenador como é que seleccionas o que é pertinente ou não, todos os dias?

Como se dá esse processo?

É uma seleção complicada. O meu primeiro fator de escolha é a escassez de meios. Eu não tenho meios ilimitados, tenho um punhado, felizmente, de bons jornalistas, tenho uma boa equipa, gostava de ter mais mas não conseguimos ter. Depois penso “Hoje posso brincar com o quê?” E olho. Vejo a minha equipa e vejo quem tenho disponível. Para além da equipa presente na redação, tenho mais gente como os correspondentes, a equipa que está no Porto...e às vezes dá para inventarmos um bocado. As coisas não têm de ser feitas em Lisboa, e, felizmente, não são. Outro fator de escolha é o que os

jornais desse dia trazem, se há uma notícia forte, o que trazem as agências internacionais, o que dizem as rádios. Isto todos os dias. A minha rotina é acordar às 06h45, ver as manchetes dos jornais e ouvir as rádios, sem me esquecer de no dia anterior, antes de me deitar, ver as notícias de passagem, para tentar que não me passe nada. Já de manhã, na redação, o é abrir as agências, ver os alinhamentos dos canais de cabo e ver o que vai acontecendo durante a manhã: um incêndio, um acidente, o que for.

Há espaço no alinhamento para acrescentar novas situações?

Há sempre espaço, desde que se faça escolhas. Por vezes, tenho de deixar cair uma peça para meter outra sobre um assunto mais importante. É algo que acontece diariamente, ter de abandonar o que se está a fazer para se dedicar a algo importante que surgiu. E aí volto a gerir a escassez. O que acaba por ser um exercício espetacular. Estou tão treinado a gerir a escassez que se, de repente, mudasse de emprego e fosse para uma redação com o dobro ou triplo das pessoas, eu acho que não saberia trabalhar.

Entrevista 3

Nome: Ana Luísa Galvão

Cargo: Coordenadora da Agenda informativa da SIC

Na SIC: Desde 1992

Data da entrevista: 06/09/2017

A Ana está na Sic desde o início do canal. Pode resumir-me a sua chegada até à estação televisiva e o que encontrou na SIC de diferente?

Vim trabalhar para a SIC a 1 de junho de 1992 com cerca de 5 anos de experiência.

Comecei por fazer um curso de formação profissional na RTP (“Introdução à Linguagem Televisiva”), em 1987, depois estagiei na redacção do Jornal das 9, na altura o único noticiário do canal 2 da RTP.

Tive, portanto, o privilégio de fazer praticamente toda a licenciatura já a exercer a profissão e a adquirir experiência.

O convite para integrar a redacção da SIC surgiu em 1992 .

Juntamente com outros profissionais com experiência nos jornais e na rádio, tínhamos a ambição e a oportunidade de mudar o jornalismo televisivo em Portugal e, de certa forma, nesta área, fazer história.

A RTP era (e é) uma empresa com valor e bons profissionais, mas (na altura) era também uma “máquina pesada”, burocrática e difícil de pôr em marcha.

Na SIC, o desafio era fazer tudo de novo e fazer melhor.

O edifício estava a ser construído de raiz e o conceito do espaço e da organização foi pensado num sentido de agilizar todo o processo de produção de notícias, desde a simples saída em reportagem até à emissão propriamente dita.

Só para dar um exemplo, estou a referir-me a 1992, claro: para levantar uma cassete, para usar em reportagem, na RTP, tinha de se preencher um formulário com 4 cópias que tinham de ser assinadas pelo responsável do armazém das cassetes, pelo repórter de imagem destacado para a reportagem, pelo jornalista e pelo coordenador; na SIC, agarrávamos no material e saíamos porta fora. Isto em relação às questões práticas e operacionais. Quanto aos conteúdos televisivos, o esforço foi direccionado para sermos

mais rápidos e, ao mesmo tempo, apresentar as reportagens de forma visualmente mais apelativa e completa. Queríamos marcar a diferença, ser arrojados, queríamos incomodar os poderes, estar próximos dos problemas do cidadão comum, simplificar a linguagem e a comunicação.

Na SIC fui repórter durante praticamente 10 anos, até ao nascimento da SIC Notícias. Em fevereiro de 2001, fundávamos outra televisão.

Sei que fez muitos esforços na altura do lançamento da SIC Notícias. Trabalho árduo com muitas horas extra. O que é que a SIC Notícias veio trazer ao panorama noticioso nacional?

Com o nascimento da SIC Notícias, comecei a trabalhar na coordenação.

Todos nós nos esforçámos e dedicámos imenso, para além das horas extra (que até podem ser quantificáveis), havia empenho, brio profissional, vontade de ganhar fazendo jornalismo de qualidade.

Na altura, vários *opinions makers* condenavam os canais ao insucesso antes mesmo do início das emissões. O argumento mais frequente era que o país era pequeno demais para alimentar 24h de notícias por dia.

Mas, logo no ano do arranque, dois acontecimentos trágicos marcaram a actualidade - a queda da ponte de Entre-os-Rios e os atentados de 11 de setembro.

A ligação das pessoas às notícias e ao desenrolar dos acontecimentos ao longo do dia foi crescendo.

Se outras provas não houvesse, veja-se que todas as televisões têm agora um canal de notícias.

Como é que chegou à agenda, após tantos anos como repórter?

Vim trabalhar para a Agenda e Planeamento para reforçar a equipa (pequena) para que pudessemos avaliar melhor e mais depressa as situações que nos são expostas diariamente pelos mais diversos meios (telefonemas, mails, cartas, jornais, redes sociais, sites oficiais de organizações, etc, etc).

O objectivo, além de não falhar no agendamento dos acontecimentos previstos, é também avaliar o que deve ter uma resposta imediata nos diferentes canais (SIC, SIC Notícias SIC online) ou que pode ser antecipado com reportagem própria e

abordagens originais. Esta triagem da informação que aqui “desagua” exige ainda a confirmação dos dados que nos chegam, sejam ou não urgentes, desde a agenda de membros do governo, reacções políticas, divulgação de estatísticas oficiais, alegados casos de negligência médica, maus-tratos a idosos ou menores, violência doméstica, acidentes de viação, incêndios e um sem fim de acontecimentos previsíveis ou imprevisíveis

O que mudou na SIC ao longo destes anos, no que à produção noticiosa diz respeito?

Mudou na SIC o que mudou no panorama audiovisual a nível nacional e internacional. A existência dos canais de notícias e o online obrigam a uma capacidade de resposta cada vez maior, com esforços acrescidos para manter os níveis de qualidade no trabalho. Hoje em dia a necessidade de canalizar informações para os coordenadores e/ou editores é quase permanente para que possamos ter em antena os dados mais relevantes actualizados sempre que se justifique. É completamente diferente trabalhar para um canal que tinha 3 jornais por dia (em 1992) quando agora, no fundo, temos de produzir 26 horas de informação por dia (as 24h da SIC Notícias e os 2 principais noticiários da SIC generalista, com 1h ou mais de tempo útil). Por outro lado, também a extraordinária transformação a nível tecnológico dos últimos 25 anos permitiu agilizar as capacidade de trabalho e de colocar no ar a informação em tempo imediato ou praticamente imediato.

A reportagem e a diminuição da produção da mesma é o tema que rege a minha tese. Sendo a reportagem o género nobre do jornalismo, porque é que é o menos praticado, nos dias que correm?

Ao contrário do que dizes, duvido muito que tenha diminuído a produção de reportagem em termos absolutos. Pode ter baixado percentualmente quando comparado com o número total de matérias noticiosas que vão para o ar. Certamente aumentou o trabalho de “secretária”, mas o aumento de horas de informação diária só pode conduzir a um aumento da reportagem, entendendo a palavra reportagem no sentido em que houve jornalistas da SIC no local dos acontecimentos. Para mim, tanto é reportagem um acidente de viação sem consequências graves como a recente tragédia nos incêndios de

16 de junho e isto, para mim, é válido quer seja gravado para ser emitido posteriormente, quer seja em directo. Nesta lógica, discordo que a reportagem seja menos praticada nos dias que correm. Pelo contrário.

A Ana coordena a Agenda. Qual a importância da Agenda na determinação das reportagens que se realizam?

Ao fazermos uma triagem dos assuntos que nos chegam, condicionamos à partida os temas que podem vir a ser seleccionados pelos coordenadores e editores para ser trabalhados para os telejornais. Trata-se de uma responsabilidade que tentamos adequar aos perfis e públicos das diferentes plataformas (generalista, cabo, online), tendo em conta as opiniões e orientações dos directores, editores e coordenadores face a critérios directamente relacionados com as notícias que estão a marcar a actualidade.

A agenda recebe diariamente dezenas de telefonemas com potenciais histórias dignas de reportagem. O que acontece com essas histórias?

Aos telefonemas que nos chegam, aplicamos os mesmo critérios que aos outros assuntos. Temos de verificar se a informação é relevante, se está correcta e se é exequível em termos de televisão. Caso cumpra estes critérios, a sugestão é encaminhada para os coordenadores e editores que têm a última palavra sobre que temas tratar e qual a abordagem.

Ao longo da sua longa carreira como jornalista e com a experiência que tem, acha que os jornalistas ainda propõem reportagens? ou acomodam-se ao que lhes é marcado?

Como em qualquer outra actividade, no jornalismo, há profissionais mais ou menos empenhados, mais ou menos proactivos, com maior ou menor disponibilidade. A SIC não é excepção. Temos muitos jornalistas que – regra geral – propõem trabalhos e, por norma, há abertura dos responsáveis para se avançar com os temas propostos. Por vezes, a pressão da actualidade obriga a alterações no planeamento inicialmente previsto, mas isso tanto acontece nas reportagens propostas pelos próprios jornalistas como pelas que são marcadas pelas chefias. Tudo dependendo dos critérios jornalísticos relacionados com as prioridades do dia e ajustados aos meios humanos e técnicos disponíveis.

Hiperligações

Aqui estão disponíveis os *links* de algumas das peças jornalísticas por mim elaboradas, em período de estágio, na redação da SIC. Todas elas passaram em antena nacional e estão alojadas no site da SIC Notícias.

[Consultados a 06/09/2017]

<http://sicnoticias.sapo.pt/especiais/tragedia-em-pedrogao-grande/2017-06-19-Cruz-Vermelha-monta-posto-medico-em-Figueiro-dos-Vinhos>

<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2017-07-27-Encontro-Mundial-de-Citroen-2-Cavalos-na-Ericeira>

<http://sicnoticias.sapo.pt/economia/2017-07-21-Precos-das-casas-subiram-79-no-primeiro-semester>

<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2017-05-23-Dia-B-no-Barreiro-contou-com-mais-de-mil-voluntarios>

<http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2017-07-23-Dili-decide-legislativas-em-Timor-Leste>

<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2017-06-02-Novo-medicamento-para-perder-peso-proibido-pelo-Infarmed>

<http://sicnoticias.sapo.pt/economia/2017-06-05-Trabalhadores-da-Secil-em-plenario>

<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2017-08-11-O-dia-com-mais-fogos-florestais-do-ano>

<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2017-08-01-Praia-artificial-do-Torel-reabre-pelo-terceiro-ano-consecutivo>

<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2017-06-01-Mais-de-mil-criancas-no-lancamento-de-novo-programa-da-PSP>

<http://sicnoticias.sapo.pt/especiais/crise-migratoria/2017-08-10-Como-seria-se-fosse-refugiado->

<http://sicnoticias.sapo.pt/desporto/2017-07-28-Lisboa-Stone-Crushers-reune-alguns-dos-melhores-skaters-do-mundo>

<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2017-05-29-Inicio-das-obras-no-Miradouro-de-Sao-Pedro-de-Alcantara>

<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2017-07-19-Estacao-de-Metro-de-Arroios-fecha-ate-2019-para-obras-de-requalificacao>

<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2017-05-31-Temperaturas-descem-a-partir-de-sexta-feira>

<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2017-08-09-Fundacao-O-Seculo-leva-criancas-a-praia-de-Sao-Pedro-do-Estoril>

<http://sicnoticias.sapo.pt/cultura/2017-05-22-Musica-e-danca-animam-a-linha-de-Cascais>

<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2017-06-29-Oceanario-de-Lisboa-tem-dois-novos-tubaroos>

<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2017-07-20-Novas-regras-para-compra-e-venda-de-animais>

<http://sicnoticias.sapo.pt/economia/2017-07-05-Unica-vinha-de-Lisboa-vai-comercializar-um-novo-vinho>